

# PORT-ROYAL ET LA STYLISTIQUE DE LA TRADUCTION<sup>1</sup> (1956)



BASIL MUNTEANO<sup>2</sup>

CLÁUDIA BORGES DE FAVERI (TRADUTORA)

**A**s grandes questões apresentadas pelo estudioso romeno Basil Munteano, no texto aqui traduzido por Cláudia Borges de Faveri, põem em relevo mais uma vez a eterna batalha entre fundo e forma. No entanto esse sutil dilaceramento sempre presente nos trabalhos de e sobre a tradução, variam – e assim devem ser considerados – de acordo com a época em que são apresentados. As questões históricas, sobretudo quando se trata de traduções canônicas como as da Bíblia e dos grandes textos de Filosofia – o que é caso de Port-Royal – são inseparáveis da compreensão dos grandes embates travados sobre a necessidade de sacrificar o literal em favor do belo.

Port-Royal é um marco do grande debate de ideias sobre a humanidade, em todos os tempos. Essa abadia que desde o início do século XIII acolheu a ordem das Cistercienses, na região onde atualmente encontra-se o vilarejo de Saint-Rémy-lès-Chevreuse, a 25 km de Paris, viu florescer, pouco mais de quatrocentos anos depois, um movimento intelectual único, nascido do recolhimento e da meditação para uma compreensão dos grandes textos fundadores da Igreja e da Filosofia. Esse contato entre o profano e o sagrado era a tônica naquele período, quando a palavra de Santo Agostinho não estava absolutamente dissociada das ideias de Terêncio e de Plauto.

Não por acaso, era a filosofia Jansenista – uma mistura de preceitos religiosos e políticos, nascida no século XVII na França, graças ao trabalho do bispo de Ypres, Cornélius Jansen, a partir do texto fundador *Augustinus* – que sustentava a fé e a atividade dos Solitários na Abadia de Port-Royal dos Campos. Os chamados Solitários, como explica em nota a tradutora, são homens de sólida formação inte-

---

<sup>1</sup> Communication de Basil MUNTEANO, au VIIe Congrès de l'Association, à Paris, le 28 juil. 1955.

<sup>2</sup> Basil Munteano (1897-1972) foi um historiador da literatura romeno, crítico e filólogo, membro da Academia Romena, e professor de literatura comparada da Faculdade de Letras em Bucareste. Na França, trabalhou em várias revistas de cunho intelectual e, como editor da *Revue de Littérature Comparée*, dedicou-se à pesquisa de problemas de história da literatura e estética. (N.E.)

lectual que decidem retirar-se da vida social para viver em meditação, como eremitas ou em pequenos grupos, buscando a simplicidade e o recolhimento como formas de liberação. Esses intelectuais criarão, sempre fiéis aos preceitos do *Augustinus*, um microcosmo no qual o solo para o debate, para as reflexões sobre a vida, sobre o homem e sobre o sagrado, será sempre fértil. Eles atrairão para dentro do claustro de Port-Royal e para os castelos dos arredores, salões de *Preciosas* como Madame de Sévigné, Madame de Longueville e Mademoiselle de Scudéry, que transformaram a cena artística, filosófica e literária na França e no resto do mundo. Apesar da primavera intelectual, o mesmo texto fundador escrito por Jansen selará o desaparecimento da ordem e condenará ainda, um século mais tarde, a abadia de Port-Royal à destruição completa. Hoje há um grande espaço verde no lugar dos antigos muros.

O debate levantado por Munteano em relação ao método de tradução de Port-Royal é o mesmo que anima e desafia a ordem vigente à época. Não se pode perder de vista que estamos a pouco mais de setenta anos do massacre de São Bartolomeu, numa Europa ainda sob o impacto das Guerras de Religiões. Quando madre Angélica, a reformadora, irmã de Antoine Arnauld, o grande Arnauld, decide retornar em 1648 à Port-Royal dos Campos, depois de ter fundado a mesma Port-Royal dentro dos muros de Paris, ela marca a união ao movimento jansenista. Mais tarde ela e outras monjas defenderão o texto de Jansen contra a imposição de Roma, negando-se a recusá-lo diante do Papa. Na verdade ela está frente a frente com uma nova “tradução” da vida, a imposta pela toda poderosa, e relativamente recente, Companhia de Jesus. Filhos religiosos da Renascença, os jesuítas empregarão todo o empenho e influência em diabolizar Port-Royal junto à nobreza francesa governada pelo Rei Luís XIV.

Os tradutores de Port-Royal se impuseram uma árdua tarefa. Não apenas traduzir palavras, mas traduzir A Palavra. Quase como falar com Deus. Atraíram então olhares mais ou menos armados e tiranos sobre uma tão prosaica atividade como pode ser a tradução de um livro. A beleza estava ligada à necessidade de compreensão pela maioria dos leitores. Um texto rústico teria poucos adeptos. Esclarecer, iluminar as discussões em pleno Século de Ouro, o Grande Século sob o reinado de Luís XIV, significava aceitar premissas de base, há muito já condenadas pelos Pais de Port-Royal.

O destino estava selado e a falta de fidedignidade dos textos, deixando muito espaço para interpretações e ajustes, para a revelação mesmo junto aos infiéis, representava um acinte inaceitável à ordem estabelecida. Os debates sobre a forma deixavam emergir dúvidas, pequenas revoluções induzidas pela atividade assim marfética da lucidez. Como sempre a solução era simples: destruir. Durante anos os textos de Port-Royal sofreram com as oscilações de humor e de poder na França e, ainda hoje, há muito por fazer e descobrir nessas raras páginas de manuscritos, testemunhas de momentos transcendentais da história da humanidade.

Mas o estudo de tais traduções, aparentemente, implica ainda importantes riscos. Fica o caminho aberto a pesquisadores tanto curiosos quanto sensíveis na busca não apenas de estabelecer, ou descobrir, uma metodologia nos textos traduzi-

dos em Port-Royal, mas sobretudo de compreender o que pouco menos de um século, num momento privilegiado da intelectualidade aliada à mais profunda dedicação, representou na história da compreensão do homem e da humanidade.

Cristiana Vieira

\*\*\*\*\*

#### PORT-ROYAL ET LA STYLISTIQUE DE LA TRADUCTION

On sait qu'à Port-Royal, les Solitaires traduisaient avec ferveur, à tour de bras, et que certaines de leurs traductions feront autorité jusqu'à nos jours, ou peu s'en faut.

Dans cette masse, peu d'œuvres profanes - le Phèdre, le Térence de M. de Sacy en 1647 et, vingt ans plus tard, du même, les Livres IV et VI de l'*Enéide*, 1666; à partir de cette dernière date, *Les Captifs* de Plaute (1666), des *Lettres* de Cicéron (1666), les *Bucoliques* de Virgile (1678), par Thomas Guyot, ancien maître des Petites-Ecoles. Tardif également, le Flavius Josèphe (1667-8), tant admiré, d'Arnauld d'Andilly.

#### PORT-ROYAL E A ESTILÍSTICA DA TRADUÇÃO

Sabemos que em Port-Royal, os Solitários<sup>3</sup> traduziam fervorosamente e que algumas de suas traduções são consideradas como modelos até nossos dias.

Em seu conjunto, poucas obras profanas – Fedro<sup>4</sup>, Terêncio<sup>5</sup>, em tradução de Lemaistre de Sacy em 1647 e, vinte anos mais tarde, em 1666, do mesmo Sacy, os livros IV e VI da *Eneida*; a partir desta data, *Os cativos* de Plauto (1666), *Cartas* de Cícero (1666), e as *Bucólicas* de Virgílio (1678), traduzidos por Thomas Guyot, antigo mestre das Pequenas Escolas<sup>6</sup> de Port-Royal. E Flávio Josefo<sup>7</sup>, também tardio - em 1667 e 68-, tão admirado, traduzido por Arnauld d'Andilly.

<sup>3</sup> Os chamados Solitários de Port-Royal eram intelectuais jansenistas que, no século XVII, decidiram se retirar do mundo para dedicar-se ao desenvolvimento espiritual. Vida ascética e grande produção intelectual é o que caracteriza este que é um dos movimentos mais emblemáticos do século XVII francês. Entre os Solitários mais conhecidos: Robert Arnauld D'Andilly (1589-1674), Antoine Le Maistre (1608-1658), Louis-Isaac Lemaistre de Sacy (1613-1684), Antoine Arnauld, dito o "grande Arnauld" (1612-1694), Blaise Pascal (1623-1662), Claude Lancelot (1615-1695) e Pierre Nicole (1625-1695). N.T.

<sup>4</sup> Trata-se aqui de Caius Lulios Phaedrus (≈ 14 a.C. – 50 d.C.), fabulista latino. N.T.

<sup>5</sup> Publius Terentius Afer (≈ 190 a.C. – 159 a.C.), poeta e dramaturgo latino. N.T.

<sup>6</sup> Sistema de ensino formado, no século XVII, pelos intelectuais de Port-Royal des Champs e que acolhia um número reduzido de crianças – por isso o nome de *Petites Écoles* -, mas que assegurava-lhes educação do mais alto nível. Jean Racine (1639-1699) conta entre seus mais ilustres alunos. N.T.

<sup>7</sup> Titus Flavius Josephus (37 ou 38 – 100), historiador e apologeta de origem judia, de língua grega. N.T.

C'est aux écrits religieux et aux œuvres sacrées que les Messieurs s'attaquent de préférence - nombre de Pères de l'Eglise, et d'abord Saint Augustin, avec plus d'un ouvrage dont les *Confessions*, par Antoine Arnauld, par Arnauld d'Andilly, par Jean Hamon; certain *Poème* de Saint Prosper, par M. de Sacy; Jean Climacque, Sainte Thérèse, par Arnauld d'Andilly; Jean Chrysostome, par Antoine Le Maistre, par Le Maistre de Sacy; Saint Bernard, par Le Maistre; et, brochant sur le tout, l'*Imitation*, le *Nouveau Testament*, puis, par fragments, l'*Ancien*, œuvre de M. de Sacy en collaboration avec les principaux Solitaires.

Je ne pense pas que l'on ait vraiment caractérisé ces traductions, ni que, malgré Sainte-Beuve, l'on ait suffisamment défini leur rôle et leur portée dans la vie, dans l'activité des Solitaires. Pourtant, la théologie de Port-Royal doit elle-même dépendre dans une certaine mesure - encore à déterminer - de l'interprétation, du tour même que ces textes essentiels présentent dans leur version française. Les Solitaires, eux, s'en aperçurent bien, et je montrerai qu'ils s'en firent scrupule. L'intérêt s'en accroît d'autant que revêtent à nos yeux les méthodes de ces traducteurs si fort épris d'une tâche qu'ils savent pourtant ardue; méthodes qui, dans la communauté où ils vivent, doivent leur être communes, ne fût-ce que pour les principes, et malgré d'inévi-

Mas são sobretudo escritos religiosos e obras sagradas que têm a preferência dos senhores de Port-Royal – muitos pais da Igreja, e primeiramente Santo Agostinho, com mais de uma obra traduzida - dentre as quais as *Confissões* - por Antoine Arnauld, Arnauld d'Andilly e Jean Hamon; um certo *Poema* de São Próspero, traduzido por Lemaistre de Sacy; João Clímaco e Santa Teresa por Arnauld d'Andilly; João Crisóstomo, por Antoine Le Maistre e por Lemaistre de Sacy; São Bernardo por Le Maistre; e, sobretudo, a *Imitação*, o *Novo Testamento* e fragmentos do *Antigo Testamento*, obra de Lemaistre de Sacy em colaboração com os principais Solitários.

Não creio que se tenha realmente estudado com precisão estas traduções, nem que, apesar de Sainte-Beuve<sup>8</sup>, tenhamos estabelecido suficientemente seu papel e seu alcance na vida e na atividade dos Solitários. No entanto, a própria teologia de Port-Royal deve em certa medida – ainda a determinar – depender da interpretação e mesmo do estilo que esses textos essenciais tomam em sua versão francesa. Os Solitários, por seu lado, tinham disso plena consciência e tentarei demonstrar o quanto escrupulosamente tratavam esta questão.

A importância desta questão é tanto maior quando consideramos os métodos empregados por esses tradutores, tão fortemente tomados por esta árdua tarefa. Métodos que, dado a

<sup>8</sup> Sainte-Beuve (1804-1869), crítico literário francês que tem entre seus estudos mais famosos uma vasta obra dedicada à história da famosa abadia de Port-Royal, de sua origem à destruição. É uma obra importante no desenvolvimento e renovação da história religiosa na França. N.T.

tables divergences individuelles. Or, de ces méthodes, il n'est guère question, ou peu s'en faut, dans les travaux d'ensemble - je n'en connais pas de particuliers - que l'on a consacrés jusqu'à ce jour aux traductions de l'époque en général, qu'il s'agisse des ouvrages presque centenaires de F. Hennebert (Gand, 1858) et d'E. Pétavel (Paris, 1864), ou d'études plus récentes, comme celle de R. W. Ladborough (*Translation from the ancients in 17th Century France*, in *Journal of the Wartburg Institute*, II, 1938-9). Je fais, bien entendu, toutes réserves quant aux ouvrages que je ne connais pas directement, telle certaine Dissertation de Heidelberg (F. Wolff, *Theorie und Praxis der Uebersetzung aus dem klassischen Altertum*, 1923), dont, aujourd'hui encore, on ne peut consulter que le manuscrit, sur place.

Les jugements, volontiers contradictoires, que ces auteurs - et je n'oublie pas Sainte-Beuve - expriment à l'occasion, ne permettent pas de se former une opinion cohérente sur la nature et la valeur des traductions port-royalistes, et moins encore de réunir les principes des traducteurs en un corps de doctrine méthodique. Or, cette méthode, bel et bien, existe. Et, si elle n'existait pas, il faudrait en quelque manière l'inventer, j'entends, la dégager des textes traduits, ce qui exigerait le concours de latinistes, d'hellénistes, voire d'hébraïstes éprouvés, sans compter les lumières, indispensables en l'occurrence, de l'exégète et du théologien. Mon propos, on s'en doute, est infiniment plus modeste et, je le reconnais, moins efficace. Je prétends, simplement, qu'il

comunidade em que vivem, lhes são comuns, mesmo que apenas em seus princípios, não obstante as inevitáveis diferenças individuais. Desses métodos pouco se trata nos trabalhos publicados até hoje sobre as traduções da época, de uma maneira geral, e isso tanto em obras mais antigas, como as de F. Hennebert (Gand, 1858) e de E. Pétavel (Paris, 1864), quanto em estudos mais recentes, como o de R. W. Ladborough (*Translation from the ancients in 17th Century France*, in *Journal of the Wartburg Institute*, II, 1938-9). Cito com reserva outras obras, as quais não conheço diretamente, como uma dissertação de Heidelberg (F. Wolff, *Theorie und Praxis der Uebersetzung aus dem klassischen Altertum*, 1923) e cuja consulta só é possível *in loco*.

As opiniões expressas por esses autores, muitas vezes contraditórias - e não esqueço Sainte-Beuve - não nos permitem formar uma opinião coerente sobre a natureza e o valor das traduções de Port-Royal, e menos ainda estabelecer os princípios dos tradutores em um conjunto solidário. Mas, este método existe sem dúvida. E caso não existisse, de alguma maneira seria preciso inventá-lo, quero dizer, deduzi-lo dos textos traduzidos, o que exigiria o auxílio de latinistas, helenistas, talvez mesmo de hebraístas experientes, sem falar dos conhecimentos, indispensáveis neste caso, de exegetas e teólogos. Meu objetivo, deve-se notar, é infinitamente mais modesto e, reconheço-o, menos efetivo. Entendo, simplesmente, que exista, já formulado, um método e

existe, toute formulée, une méthode et même une doctrine port-royaliste de la traduction et que cependant - d'assez bonne heure, aux environs de 1650, et jusque vers la fin du siècle, - cette méthode souleva de graves difficultés, suscita même de véritables cas de conscience.

Le premier témoignage que nous possédions en la matière émane de Nicolas Fontaine, qui restera jusqu'au bout l'ami fidèle de ses anciens maîtres. Après avoir évoqué les traductions qu'Antoine Le Maistre faisait vers 1642 des Saints Pères, Fontaine ajoute :

On fut un peu surpris de voir cette nouvelle manière de faire paraître en notre langue avec tant de pompe et de majesté les ouvrages des anciens. Mais il se trouva quelques personnes qui étant accoutumées depuis longtemps à la manière brute et gauloise des traductions [...], craignirent qu'on ne donnât trop à la beauté aux dépens de la fidélité” (*Mémoires*, 1736, t. I, pp. 136-8).

Ayant eu vent de ces objections, Le Maistre engagea ses critiques à s'expliquer. Et ce fut tout un débat où M. de Sacy et M. d'Andilly se situèrent au début sur des positions un peu différentes de celles du traducteur mis en cause. Or, ces personnages, auxquels il convient d'ajouter sans tarder Antoine Arnauld, sont ou deviendront experts en la matière, ayant, tous, à partir surtout de 1647, beaucoup traduit et, dans leurs diverses préfaces, parfois copieuses, beaucoup délibéré sur leur art.

mesmo uma doutrina da tradução própria de Port-Royal e que apesar disso – bem cedo, por volta de 1650, e até o final do século – tal método suscitou graves dificuldades e mesmo verdadeiros problemas de consciência.

O primeiro testemunho emana de Nicolas Fontaine, que permanecerá até o fim um fiel amigo de seus antigos mestres. Depois de evocar as traduções que fez Antoine Le Maistre, por volta de 1642, dos Santos Padres, Fontaine acrescenta:

Alguns foram tomados de surpresa ao ver esta nova maneira de trazer para nossa língua com tanta pompa e majestade as obras dos antigos. E outros ainda, acostumados já há muito com o estilo bruto e gaulês das traduções [...], temiam que tanta beleza estivesse sendo produzida às expensas da fidelidade” (*Mémoires*, 1736, t. I, pp. 136-8).

A par de tais objeções, Le Maistre interpelou seus críticos. E um grande debate se estabeleceu, no qual Sacy e Andilly tomaram posições um pouco diferentes das do tradutor em causa. Ora, estes personagens, e também Antoine Arnauld, eram, ou logo se tornariam, especialistas no assunto, pois, sobretudo a partir de 1647, vão traduzir muito e também deliberar sobre sua arte em seus numerosos prefácios, muitas vezes copiosos.

Voici, d'autre part, émanant d'Antoine Le Maistre, deux documents postérieurs au “différend” ci-dessus, mais qui s'y rapportent de plus d'une manière. Le premier formule dix *Règles de la Traduction* dont Le Maistre fit don à son élève Thomas Du Fossé, devenu, en 1656, son collaborateur et, que Nicolas Fontaine allait publier dans ses *Mémoires* (1736, t. II, pp. 175-8). Il s'agit d'énoncés rapides, d'allure didactique. Le second document, inédit, fut donné par Le Maistre au jeune Racine au retour de Beauvais, soit à partir d'octobre 1655, et se conserve à la B. N. de Paris. Le mérite de l'avoir signalé - ici-même, il y a quatre ans - revient à William Mc. C. Stewart (cf. *Cahiers* nos 3-5, juillet 1953, pp. 64-65). On retrouve dans ces quelques feuillets, indéchiffrables par endroits, les grandes ambitions du théoricien de la traduction, telles, à peu près, qu'il venait de les exprimer, ou les exprimera bientôt dans la préface de certains *Sermons* traduits de Saint Bernard et de Saint Augustin. Nous avons affaire à des notes hâtives, ayant probablement servi aux leçons que Le Maistre devait dispenser à ses élèves, à Du Fossé, à Racine.

Il existe un autre manuscrit encore, non seulement inédit, mais jamais encore signalé. Je trouve, en effet, au t. VIII des *Papiers de la famille Arnauld*, qui se conservent à la Bibliothèque de l'Arsenal (n° 6041), quatre grands feuillets recto-verso de la main d'Arnauld d'Andilly - on ne peut s'y tromper - portant ce titre: *Remarques sur la traduction françoi-*

Posteriores a esta polêmica, mas a ela relacionados em muitos de seus aspectos, são dois textos de Antoine Le Maistre. No primeiro - oferecido a seu aluno e depois, em 1656, colaborador, Thomas du Fossé - formula dez *Regras de Tradução*<sup>9</sup>. O texto, que foi mais tarde publicado por Nicolas Fontaine em seus *Mémoires* (1736, t. II, pp. 175-8), compõe-se de enunciados curtos, de cunho didático. O segundo texto, inédito, Le Maistre oferece ao jovem Racine que chegava a Port-Royal vindo do colégio de Beauvais, ou seja a partir de outubro de 1655. Este texto pode ser encontrado na Biblioteca Nacional de Paris. É possível encontrar nestas poucas páginas, indecifráveis em algumas passagens, as grandes ambições do teórico da tradução, tal como ele as exprimira ou iria fazê-lo no prefácio de alguns *Sermões* traduzidos de São Bernardo e Santo Agostinho. O que ali se vê são anotações rápidas, tendo provavelmente como objetivo as aulas que Le Maistre dispensa a seus alunos, a Du Fossé e a Racine.

Existe ainda outro manuscrito, não somente inédito, mas também jamais citado. Encontrei com efeito no tomo VIII dos *Papéis da família Arnauld*, conservados na Biblioteca do Arsenal (n° 6041), quatro grandes fólhos, frente e verso, da mão de Arnauld d'Andilly - impossível enganar-se - com o título: *Observações sobre a tradução francesa*. Também

<sup>9</sup> *Règles de la Traduction*, de Antoine Le Maistre, está publicado nesta mesma edição de n° 13 da *Scientia Traductionis*, com tradução de Mauri Furlan. N.E.

se. Toujours au nombre de dix, ces *Remarques* sont, dans une large mesure, identiques aux *Règles* de Du Fossé-Fontaine. Sans trop modifier la pensée de Le Maistre - dont, le texte, faut-il croire, lui sert de guide - M. d'Andilly, assez gauchement, introduit des variantes dans l'expression, paraphrase et brode. M. d'Andilly reparait donc, lui aussi, dans le débat, et ce n'est pas pour la dernière fois.

En fait, le souci de poser et de résoudre, en principe et dans la pratique, le problème de la traduction, reparaitra maintes fois sous la plume des Messieurs, et les tourmentera jusqu'à leur mort. - Autour d'eux, plus d'un théoricien s'agite et les seconde, - un Gaspard de Tende (*De la Traduction*, 1660) surtout, ainsi que deux anciens maîtres des Petites-Ecoles, Thomas Guyot (*Avis au Lecteur*, précédant la traduction des *Lettres* de Cicéron à son ami Attique, 1666) et Pierre Coustel (*Les Règles de l'éducation* t. II, 1687). Et tout cet ensemble de témoignages, - manuscrits, imprimés, simples confidences, - montre bien que nous avons affaire à une véritable doctrine port-royaliste de la traduction, où les Solitaires puissent dès avant 1650 et dont les survivants débattront jusque vers la fin du siècle, à preuve les *Règles* posthumes du grand Arnauld, qui ne verront le jour qu'en 1707.

Cette doctrine, on s'en doute bien, n'est pas une création en tous points personnelle. Il conviendrait donc, - ce que je ne puis faire ici

em número de dez, estas *Observações* são, em grande parte, idênticas às *Regras* de Du Fossé-Fontaine. Sem modificar muito o pensamento de Le Maistre - cujo texto ao que parece lhe serve de guia - Andilly, de maneira bastante inábil, introduz modificações na expressão, parafraseia e acrescenta detalhes. Andilly ressurge assim no debate, e não será pela última vez.

Com efeito, a preocupação em colocar e resolver, em princípio e na prática, o problema da tradução, reaparecerá inúmeras vezes sob a pluma dos senhores de Port-Royal, e os atormentará até a morte. Em seu entorno, mais de um teórico surge e lhes secunda - sobretudo Gaspard de Tende (*De la Traduction*, 1660), assim como dois dos antigos professores das Pequenas Escolas, Thomas Guyot (*Aviso ao Leitor*, precedendo a tradução das *Cartas* de Cícero a seu amigo Ático<sup>10</sup>, 1666) e Pierre Coustel (*As Regras da educação*, t. II, 1687). E todo este conjunto de testemunhos - manuscritos, impressos, simples confidências - mostra bem que estamos diante de uma verdadeira doutrina de Port-Royal da tradução, na qual os Solitários vão beber já antes de 1650 e sobre a qual seus sucessores vão debater até o fim do século, como provam as *Regras* póstumas do grande Arnauld, publicadas apenas em 1707.

Esta doutrina não é uma criação pessoal, como se sabe. Seria portanto conveniente determinar seus antecedentes antigos e modernos - de Cíce-

<sup>10</sup> Tito Pompônio Ático (100 a.C. - 32 a.C.): amigo e confidente de Cícero, que lhe dedicou o *De Amicitia*, seu tratado sobre a amizade. As "Cartas a Ático" (*Epistulae ad Atticum*) perfazem dezesseis volumes. N.T.



qu'incidemment, - d'en déterminer les antécédents antiques et modernes - de Cicéron à Dolet, à Malherbe - et de la situer dans son siècle, où elle balance longtemps entre les extrêmes qu'elle s'emploie vainement, mais avec fervor, à fondre dans l'unité d'une impossible synthèse.

On se trouve effectivement en présence d'une équation qui engendre, nourrit et traverse la plus glissante des controverses; l'équation *fidélité-beauté*, aux formes nuancées à l'infini, faisant à chaque instant, jusque chez le même traducteur, pencher la balance d'un côté ou de l'autre.

On commence volontiers par se faire gloire de sa fidélité à l'original. Et c'est Arnauld d'Andilly, qui s'efforce, prétend-il, de rendre sa traduction “fort fidelle” (*Vie des Saints Pères*, 1647, p. 69), ou “très fidelle”, (S. Augustin, *Confessions*, 2e éd., 1649, *Avis au Lecteur*). Un peu plus explicite, M. de Sacy, pour sa part, prétend s'assujettir aux “règles les plus étroites de cet Art”, - et il traduit en vers! Il a donc tâché, non seulement “de rendre [les] sentimens [de Saint Prosper] avec une exactitude et une fidélité toute entière”, mais “de marquer même ses expressions, et quelquefois ses propres paroles”, lorsqu'elles lui ont paru “importantes” (*Poème de S. Prosper*, 1647, *A.-Propos*, t. 2 v.). Reprenant plusieurs de ces termes vingt ans plus tard, il formulera la même exigence, en renchérissant (*N. Test.*, 6e éd., 1668, *Préface*, i. 9 r.). - Entre temps, ses propos de 1647 avaient été reproduits par Gaspard de Tende, qui en faisait sa 2<sup>e</sup> règle.

ro a Dolet e a Malherbe - o que só posso fazer de maneira incidental. E também situá-la em seu século, no qual ela balança entre os extremos que tenta sem sucesso, mas com fervor, fundir na unidade de uma síntese impossível.

Encontramo-nos pois na presença de uma equação que engendra, alimenta e atravessa a mais escorregadia das controvérsias: a equação fidelidade-beleza, de formas infinitamente nuancadas, fazendo, a cada instante, pender a balança para um e outro lado, até mesmo em um único tradutor.

Primeiro, louva-se sua própria fidelidade ao original. Arnauld d'Andilly pretende ter se esforçado para tornar sua tradução “bastante fiel” (*Vie des Saints Pères*, 1647, p. 69), ou “muito fiel” (*Confessions*, Saint Augustin, 1649, *Avis au Lecteur*). Um pouco mais explícito, Sacy declara ter se submetido às “regras mais estritas desta arte” (e traduz em verso!). Ele tentou não apenas exprimir os sentimentos de São Próspero com completas exatidão e fidelidade, mas também enfatizar seu estilo, e algumas vezes mesmo suas palavras, quando isso lhe pareceu “importante” (*Poème de Saint Prosper*, 1647, *Propos*). Retomando muitos desses termos vinte anos mais tarde, ele vai formular a mesma exigência, ainda mais enfaticamente. Neste meio tempo, seus *Propos* de 1647 foram reproduzidos por Gaspard de Tende que fazia deles sua segunda regra.

Il n'est jusqu'à M. Le Maistre, pourtant fort éloigné de cette pieuse ambition, qui, en passant, ne fasse consister “l'excellence d'une Traduction” – “En ce qu'elle soit trez fldelle, mais [...]”, car il y a un mais, suivi de plusieurs autres... (f. 6 r.). Cette même exigence, les confrères, ou copistes, de Le Maistre - Arnauld d'Andilly dans son propre manuscrit (f. 30 r.), Du Fossé-Fontaine dans leurs *Mémoires* – la font valoir bien plus nettement: “La première chose à quoi il faut prendre garde[...] c'est d'estre extrêmement fidelle et littéral”...

En fait, les seuls vrais “fidèles” devaient être pour lors les Messieurs - je ne saurais, les nommer - que Fontaine dit “accoutumés depuis longtemps à la manière brute et gauloise des traductions”, et qui s'avisèrent de protester contre Le Maistre et sa recherche de la “beauté” aux dépens de la “fidélité”. Les autres, quand ils sont de sang-froid, se rendent tous à l'évidence et, tout en le déplorant, admettent, plus ou moins explicitement, que la lettre tue l'esprit. Dès 1647, M. de Sacy - suivi de Le Maistre, dans son manuscrit (f. 2 v.-3 r.), puis, sans référence, de Pierre Cousstel (op. cit., t. II, p. 193) - exprimait fortement cette même vérité en s'élevant contre “un assujettissement qui dégénère en servitude, et qui rend une Traduction semblable au modèle [...] comme un homme mort est semblable à un homme vivant” (*Poème* de S. Prosper, 1647, *A.-Propos*, i. 3 r). Et, vingt ans plus tard, le même Solitaire assurait qu' “en voulant ne s'écarter en rien de la lettre sous prétexte de fidélité, on était effectivement moins fidèle”; et il faisait valoir

Nem mesmo Le Maistre – mesmo que bastante distante dessa devota ambição – deixa de relacionar “a excelência de uma tradução ao facto de que seja muito fiel, mas [...]”, (e há sempre um “mas”, seguido de muitos outros). Esta mesma exigência, seus confrades ou copistas - Arnauld d'Andilly, Du Fossé, Fontaine – expressam-na de maneira muito mais explícita: “a primeira coisa à qual se deve atentar é ser extremamente fiel e literal”.

Na verdade, os únicos verdadeiros fieis à época deviam ser aqueles que - eu não saberia nomeá-los – segundo Fontaine estavam já há muito acostumados com o estilo bruto e gaulês das traduções” e que protestaram contra Le Maistre em sua busca da “beleza” às expensas da “fidelidade”. Os outros, quando de sangue-frio, rendem-se todos à evidência – e mesmo deplorando-o, admitem mais ou menos explicitamente – de que a letra mata o espírito. Já a partir de 1647, Sacy – seguido por Le Maistre – exprime enfaticamente esta verdade, pronunciando-se contra “uma submissão que degenera em servidão, e que torna uma tradução semelhante ao modelo [...] assim como um homem morto é semelhante a um homem vivo” (*Poème* de Saint Prosper, 1647, *Propos*). E, vinte anos mais tarde, o mesmo Solitário assegurava que “querendo não se distanciar em nada da letra sob pretexto de fidelidade, tornamo-nos efetivamente menos fiel”; e trazia como apoio a seu argumento o exemplo do mais eminente dos tradutores, São Jerônimo,

sur ce point l'exemple du plus éminent des traducteurs, celui de Saint Jérôme, que Saint Augustin lui-même admirait tant (*V. Test.*, t. 9 r.-v.).

Dans son Manuscrit (f. 2 r.), Le Maistre avait donc beau jeu contre la traduction littérale, nécessairement “dure, barbare, obscure et impertinente”. Il en sera ainsi jusque vers la fin du siècle, quand le grand Arnauld, sur nouveaux frais, condamnera le mot à mot comme “ridicule et insupportable” (op. cit., 1707, p. 5). Tout au long de cette campagne contre la lettre, nos traducteurs marchent d'un pas d'autant plus assuré, qu'ils s'avancent en compagnie des plus vénérables autorités païennes et chrétiennes.

La crise de la fidélité littérale, que des scrupules variés font sans cesse rebondir, s'explique de bien des manières, et d'abord par la raison positive que la différence, en quelque sorte matérielle, des langues, - sans compter pour le moment, celle des styles, - joue contre elle, et la rend illusoire.

Pour fuir cette inévitable infidélité, la première position de repli qui s'offre au traducteur, c'est, au lieu de s'attacher servilement à la lettre, de la concilier avec le sens de l'original, ou, plus simplement, avec son esprit, ou, mieux encore, - sinon pis! - avec sa beauté, avec la beauté, celle de tous les temps, voire celle de notre temps à nous. C'est aussi, en conséquence, choisir une voie moyenne, également distante de tous les extrêmes. De là, jusqu'à nourrir l'ambition idéale de refondre les éléments les plus disparates, il n'y a qu'un pas, vite franchi, par plus d'un.

que o próprio Santo Agostinho admirava tanto.

Em seu manuscrito, Le Maistre tinha portanto bons argumentos contra a tradução literal, necessariamente “dura, bárbara, obscura e impertinente”. E assim será até o fim do século, quando o grande Arnauld (1707) também condenará a tradução palavra por palavra como “ridícula e insupportável”. Ao longo dessa campanha contra a letra, nossos tradutores seguem em um passo tanto mais seguro, porquanto avançavam em companhia das mais veneráveis figuras pagãs e cristãs.

A crise da fidelidade literal, que escrúpulos variados fazem incessantemente reaparecer, se explica de maneiras diversas, e primeiro por que a diferença entre as línguas, de certa maneira material – sem pensar ainda no estilo – depõe contra ela e a torna ilusória.

Para fugir dessa inevitável infidelidade, a primeira saída que se apresenta ao tradutor é, no lugar de seguir a letra de maneira servil, conciliá-la com o sentido do original, ou mais simplesmente, com seu espírito, ou melhor ainda – senão pior! – com sua beleza, com a beleza, aquela de todos os tempos, quem sabe mesmo aquela de nosso tempo. Seria também, por consequência, escolher o meio caminho entre os extremos. A partir daí, alimentar a ambição de fundir os elementos mais disparatados é o passo seguinte, dado por mais de um.

C'est le grand Arnauld qui ouvre la marche, en 1647, quand il doute modestement d'avoir su rendre “assez éloquent” certaine traduction de Saint Augustin, d'ailleurs, espère-t-il, “pour le moins claire, exacte et fidelle” (*De la véritable Religion, Au Lecteur*, Í. 1 v.). Au même moment, M. de Sacy aspirait au même genre de succès, voulant éviter tout à la fois “une liberté qui dégénère en licence” et “un asservissement qui dégénère en servitude” (*Poème de S. Prosper*, f. 3 r.). Il entendait bien “suivre la fidélité sans blesser l'élégance et l'élégance sans blesser la fidélité” (*Phèdre*, 1647, *Au Lecteur*, î. 4. r.). Par malheur, on doit, dans ce cas précis, douter de sa réussite, tant il “transforme” les textes de *Phèdre* (cf. Mme G. Delassault, *Le Maître de Sacy et La Fontaine traducteurs de Phèdre*, in *R. des Sc. hum.*, fasc. 68, oct.-déc. 1952, pp. 284-5, etc.).

Arnauld d'Andilly tend au même idéal, - “très fidelle”, évitant “la liberté d'ajouter et de retrancher”, mais sans tomber dans cette basse servitude qui, en s'attachant trop aux mots et à la lettre, fait des copies difformes et monstrueuses des plus beaux originaux en pensant les leur rendre plus semblables” (Trad. Saint Augustin, *Confessions*, 2e éd., 1649, *Avis*). Un peu plus tard, les Docteurs de Sorbonne viendront approuver solennellement sa traduction de Saint Jean Climacque (1652. *Approbaton des Docteurs*), et garantir, après avoir “confronté soigneusement” avec l'original, “Que la piété y règne avec l'éloquence: Que la fidélité y est toute

É o grande Arnauld que começa o movimento, em 1647, quando modestamente duvida ter conseguido tornar “suficientemente eloquente” certa tradução de Santo Agostinho, que ele espera que esteja “ao menos clara, exata e fiel” (*De la véritable religion, Au Lecteur*). No mesmo momento, Sacy aspirava a um outro tipo de realização, querendo evitar ao mesmo tempo “uma liberdade que degenerasse em desregramento” e “uma submissão que degenerasse em servidão” (*Poème de Saint Prosper*, 1647, *Propos*). Ele pretendia “ser fiel sem comprometer a elegância e ser elegante sem comprometer a fidelidade” (*Phèdre*, 1647, *Au Lecteur*). Infelizmente, neste caso preciso, devemos duvidar de que tenha tido sucesso, tamanha a transformação que impõe aos textos de Fedro (cf. Mme G. Delassault, *Le Maître de Sacy et La Fontaine traducteurs de Phèdre*, in *Revue des Sciences humaines*, fasc. 68, oct.-déc. 1952, pp. 284-5).

Arnauld d'Andilly tende ao mesmo ideal - “muito fiel”, evitando “a liberdade de acrescentar e cortar” - mas sem cair “na baixa servidão de quem, muito ligado às palavras e à letra, faz cópias disformes e monstruosas dos mais belos originais, pensando que os está restituindo mais fielmente” (*Confessions*, Saint Augustin, 1649, *Avis au Lecteur*). Um pouco mais tarde, os doutores da Sorbonne vão aprovar solenemente sua tradução de São João Clímaco e garantir, depois de tê-la “cuidadosamente confrontado” com o original, “que ali reina a devoção assim como a eloquência: a fidelidade é completa, mas livre das amarras da servidão”. No

entière, mais affranchie des chaînes de la servitude”. Vers la fin de sa vie encore, M. d'Andilly jurera qu'il s'est efforcé de rendre sa traduction de Flavius Josèphe “la plus fidèle et la plus agréable”, s'étant attaché “religieusement” au sens, quitte, hélas, à y substituer en cas de besoin des équivalences françaises, procédé téméraire, qui ne le trouble guère (1667, *Avertissement*, f. 4 v.).

Cette ambition s'exprime chez Le Maître en termes vibrants, presque pathétiques, explicables par le fait qu'il s'agit en l'occurrence de deux saints illustres:

Il faudrait imiter le génie, le caractère, l'élevation, la noblesse d'esprit, le style de ces admirables Auteurs [...] Il faudrait les rendre familiers sans les abaisser; les expliquer sans les affaiblir, développer les vérités divines qu'ils nous enseignent, sans y faire aucun changement...” (Trad. *Sermons...*, 1658, *Préface*, t. 5 r.).

Il faudrait, en somme, réunir, refondre une foule de qualités contradictoires, il faudrait l'impossible. Dans la pratique, Le Maître sera bien obligé d'en rabattre et même d'opter.

En termes analogues, parfois identiques, ce vain idéal conciliateur va longtemps hanter les théoriciens de la traduction, à Port-Royal et ailleurs. Il fallait bien cependant, du moins dans les conjonctures capitales, se rendre à l'évidence et admettre courageusement que, dans la pratique, la conciliation faisait long feu. De guerre lasse, M. de Sacy, traducteur angoissé du verbe sacré, résolut finalement d'adopter une méthode

fim da vida, Andilly vai ainda jurar que se esforçou para tornar a tradução de Flávio Josefo “a mais fiel e agradável possível”, atendo-se “religiosamente” ao sentido, embora livre para fazer adaptações em caso de necessidade, procedimento temerário que não mais o atormenta (1667, *Avertissement*, f. 4, v.).

Esta ambição se exprime em Le Maître em termos vibrantes, quase patéticos, talvez explicáveis por se tratar de dois santos ilustres:

Seria preciso imitar o gênio, o caráter, a elevação, a nobreza de espírito, o estilo desses admiráveis autores [...]. Seria preciso torná-los familiares sem rebaixá-los; explicá-los sem enfraquecê-los, desenvolver as verdades divinas que nos ensinam, sem alterá-las de maneira nenhuma [...] (*Sermons*, 1658, *Préface*).

Seria preciso, em suma, reunir, fundir uma grande quantidade de características contraditórias, seria preciso fazer o impossível. Na prática, Le Maître será obrigado a fazer cortes e opções.

Em termos análogos, por vezes idênticos, este vão ideal conciliador vai, por muito tempo, assombrar os teóricos da tradução, em Port-Royal e em outros lugares também. Seria preciso no entanto, ao menos em conjunturas capitais, render-se à evidência e admitir corajosamente que, na prática, a conciliação errava o alvo. Cansado de guerra, Sacy, tradutor angustiado do verbo sagrado, resolve finalmente adotar um método caro a

chère à Saint Augustin: par un système de notes marginales et de différenciations typographiques, il entendait offrir conjointement la lettre et le sens, et obliger ainsi le lecteur à les comparer pas à pas (*N. Test.*, 1668, *Préface* ff. 10 r. - 12 v.). Procédé plus efficace, assurément, que tous les pis-aller conciliateurs, mais qui n'en équivalait pas moins à l'aveu d'une honorable défaite.

Une fois reconnue illusoire, l'association équivoque des deux “fidélités” devait bien subir l'amputation de son terme le plus rébarbatif, la *lettre*, au profit exclusif du *sens*, que l'on s'engageait à suivre seul, avec scrupule. L'exemple de cette option venait de loin, et de haut. Parlant de ses propres traductions de Démosthène et d'Eschine, Cicéron, dans plusieurs propositions mémorables, avait convenu - et s'en flattait - qu'il avait traduit, non pas en simple interprète, mais en orateur (*interpres-orator*): que, si les pensées, *sententiis*, et leur tour, *formis-figuris*, demeurent, il n'a point cru nécessaire de rendre *verbum pro verbo*, mais seulement l'esprit et la valeur des mots dans leur ensemble, *sed genus omne verborum vimque*; qu'en somme, il a voulu s'acquitter, non point en comptant les paroles, mais en pesant leur contenu *annumerare-appendere* (*De Opt. gen. orat.*, § 14). Dans sa conclusion (§ 23), il aggravait encore ces propos en répétant qu'il avait procédé de manière à conserver toutes les qualités, *virtutibus omnibus*, du grec, à savoir, les pensées, leurs figures, l'ordre du discours, et non pas toujours les mots

Santo Agostinho: por meio de um sistema de notas à margem e diferenciações tipográficas, pretendia restituir tanto a letra quanto o sentido, obrigando assim o leitor a compará-las passo a passo (*Nouveau Testament*, 1668, *Préface*). Método sem dúvida mais eficaz do que todas as malfadadas conciliações, mas que não deixa de ser a confissão de uma derrota.

Uma vez reconhecida como ilusória, a associação equivocada das duas fidelidades deveria sofrer a amputação de seu termo mais problemático, a *letra*, em favor do *sentido*, o qual deveria ser seguido escrupulosamente. O exemplo dessa opção vinha de longe, e do alto. Ao falar de suas próprias traduções de Demóstenes e Ésquines, Cícero, em várias proposições memoráveis, admitia – e se orgulhava – haver traduzido não como simples intérprete, mas como orador (*interpres-orator*): que mantidas as ideias (*sententiis*) e sua forma (*formis-figuris*), não achou necessário traduzir *verbum pro verbo*, mas somente o espírito e o valor das palavras em seu conjunto (*sed genus omne verborum vimque*); que, em suma, sua tarefa, ele a realizou não contando as palavras, mas pesando seu conteúdo (*annumerare-appendere*) (*De Optimo Genere Oratorum*, §14<sup>11</sup>). Em sua conclusão, ele reafirma esta posição, repetindo haver traduzido de maneira a conservar todas as qualidades (*virtutibus omnibus*) do grego, a saber, as ideias, as figuras, a ordem do discurso, mas não as palavras, das quais lhe foi suficiente exprimir o es-

<sup>11</sup> Este texto de Cícero foi publicado pela *Scientia Traductionis* em sua edição de nº 10 (2011): <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4> . N.E.

mêmes, dont il lui a suffi d'exprimer l'esprit, *generis eiusdem*; comptant bien de la sorte fournir aux amateurs d'atticisme un modèle à imiter.

Là-dessus, par une formule également célèbre, Horace faisait sienne l'aversion de son contemporain pour le mot à mot, qu'il accordait au traducteur le droit d'enfreindre sans cesser pour autant d'être fidèle, *fidus Interpres* (*Ep. aux Pisons*, v. 134-5).

Ces préceptes païens, un Père de l'Eglise survint qui, les ayant prônés et pratiqués d'enthousiasme, les fit retentir et agir avec une force accrue, à travers les siècles. N'hésitant pas en l'occurrence à se donner le grand païen pour maître, *magistrum Tullium*, Saint Jérôme, dans un véhément plaidoyer *pro domo* (op. cit.), arbora les deux paragraphes de Cicéron en étendard, afin d'en justifier certaines traductions de sa façon contre l'injuste acharnement d'un détracteur. - Le vers d'Horace y était appelé à rendre le même service.

Non content de monter ces textes en épingle, Saint Jérôme les encadrait dans un commentaire de son cru, où il reprenait les termes de Cicéron dans telle maxime d'allure oraculaire, *non verbum e verbo sed sensum exprimere de sensu*. Il étayait encore sa théorie d'illustres exemples pratiques, propres à en rehausser le prestige - Cicéron, prenant dans ses traductions des libertés dont nous rendrons compte un peu plus loin; Terence, Plaute, Cecilius, s'attachant à rendre, non pas les mots - exactitude qui, aux yeux des doctes, dégénère facilement en mauvais goût, - mais la *beauté*, l'*élégance* (*gratiam*,

*pírito* (*generis eiusdem*); contando com isso fornecer aos amantes de atticismo um modelo a imitar.

E ainda sobre o tema, por meio de uma fórmula igualmente célebre, Horácio expressava sua aversão à tradução palavra por palavra, a qual o tradutor teria todo o direito de infringir sem deixar no entanto de ser fiel (*fidus Interpres*) (*Épître aux Pisons*, v. 134-5).

Estes preceitos pagãos, um Pai da Igreja os pregou e praticou com entusiasmo, reforçando-os e fazendo com que reverberassem através dos séculos. E não hesitou em fazer do grande pagão seu mestre (*magistrum Tullium*). São Jerônimo, em um veemente discurso *pro domo*, utiliza os dois parágrafos de Cícero, para justificar algumas traduções de sua lavra contra injusta crítica de um detrator. O verso de Horácio também é citado para o mesmo fim. E não contente de colocar estes textos em evidência, São Jerônimo os reúne em um comentário de sua autoria, no qual ele retoma os termos de Cícero em máxima de sabor oracular: *non verbum e verbo sed sensum exprimere de sensu*. Ele ainda desenvolve sua teoria com ilustres exemplos práticos, para realçar-lhes o prestígio. Cícero - que toma, em suas traduções, liberdades mais adiante demonstradas - Terêncio, Plauto e Cecílio, esforçando-se em restituir não as palavras - exatidão que, aos olhos dos doutos, degenera facilmente em mal gosto -, mas a *beleza*, a *elegância* (*gratiam, elegantiam*) do original; Evágrio utilizando alguma metáfora atraente para explicar as razões que o impedem de se

*elegantiam*) de l'original; un Evagrius, usant de certaine métaphore saisissante pour rendre sensibles les raisons qui l'empêchent de faire la chasse aux syllabes; Saint Hilaire enfin qui, dédaignant la somnolence littéraire, *litterae dormitanti*, s'en allait vaillamment à la conquête du sens, dont il disposait en vainqueur.

Le tout, - citations, reprises, paraphrases, jointes à l'exemple même des traducteurs de Xénophon et de Job, - allait fournir aux théoriciens de Port-Royal la pièce maîtresse de leurs démonstrations. Quand, lors des “petits différends”, on consulta “l'avis de Cicéron et des autres”, Saint Jérôme devait bien figurer parmi ces “autres”. Et c'est, à coup sûr, leur “avis” à eux deux que résume principalement Fontaine - “rendre le sens tout entier”, etc. (cf. *supra*) - et que Le Maistre tint pour satisfaisant. Je crois en découvrir la preuve dans les *Règles* que l'ancien avocat rédigea plus tard, non sans se souvenir, on peut le croire, du “différend”, et qui reproduisent, traduisent ou résument la totalité des textes ci-dessus, ceux de Cicéron, d'Horace, de Saint Jérôme, auteurs dont le mérite s'y trouve hautement apprécié au préalable (f. 1 r. - 2 r.). Saint Jérôme l'emporte de loin par l'ampleur des propositions qu'il prête à Le Maistre, lequel d'ailleurs, sur le coup, à dû puiser dans la seule *Lettre à Pammachius*, où déjà les endroits respectifs de Cicéron et d'Horace figuraient en bonne place, y compris l'essentiel des éloges dont, à son tour, notre Solitaire gratifie ces grands Anciens. - Procédé tout identique chez Pierre Coustel, qui fournit à peu près les mêmes textes - Jérôme,

ater às sílabas. São Hilário, enfim, que, desdenhando a sonolência literal (*litterae dormitanti*), parte à conquista do sentido, o qual domina, como vencedor.

O todo - citações, retomadas, paráfrases, somadas ao exemplo dos tradutores de Xenofonte e Jó - iria fornecer aos teóricos de Port-Royal a peça mestra de suas demonstrações. Por ocasião de “pequenas discordâncias”, consultava-se “a opinião de Cícero e dos outros”, e São Jerônimo deveria obrigatoriamente figurar entre esses “outros”. E certamente é a opinião dos dois últimos que Fontaine resume - “restituir o sentido por inteiro” - que Le Maistre considera satisfatório. Creio descobrir a prova disso nas *Regras* que o antigo advogado vai redigir mais tarde, não sem se lembrar, podemos crer, da “discordância”, que os textos citados acima reproduzem, traduzem ou resumem, textos de Cícero, Horácio e São Jerônimo, autores cujo mérito é altamente apreciado. São Jerônimo é o preferido, pelo alcance das proposições que empresta a Le Maistre, que, aliás, deve ter ido buscar seus argumentos exclusivamente na *Carta a Pamáquio*, na qual Cícero e Horácio já figuram convenientemente bem colocados.



Cicéron, Horace - que Le Maistre dans son Manuscrit et - par la rencontre inexplicable déjà signalée - sensiblement dans les mêmes termes (*op. cit.*, t. II, pp. 186-192), bien que certaines citations particulières, absentes chez Le Maistre, attestent qu'il s'est aussi reporté directement à la *Lettre* de Saint Jérôme.

Celui-ci pourtant ne laisse pas d'embarrasser M. de Sacy qui, lors du *Nouveau Testament*, tout en déclarant qu'il y avait lieu de combiner la règle établie par ce Père "rendre sens pour sens" - avec l'expression littérale - "marquer les propres mots", - ne l'en proclamait pas moins "le modèle des traducteurs de l'Écriture", le félicitant de ne s'être point attaché "servilement à la lettre", mais d'avoir beaucoup "éclairci" l'original de Job et des Prophètes, tout en conservant sa "force", sa "vigueur", son "éclat" et sa "majesté" caractéristiques (*Préface*, f. 9 r. - v.).

Ajoutons enfin la prestigieuse autorité de Saint Augustin dont M. de Sacy (*ibid.*, f. 9 v.) signale bien l'enthousiasme pour les traductions de Jérôme et pour son émancipation de la lettre, tout en lui empruntant le système mixte, à prétention conciliatrice, où la lettre et l'esprit coexistent sur le papier, sans se refondre, et s'éclairent ainsi mutuellement de l'extérieur.

Entre temps, hors de Port-Royal, les mêmes grands hommes, - Cicéron, Horace, Jérôme, Augustin, - et les mêmes textes célèbres, avaient prêté leurs concours à P.-D. Huet qui, dans son traité latin (1661, *passim*), en discute avec son bon sens coutumier; à d'autres encore, moins scrupuleux.

Este – São Jerônimo – não deixa no entanto de embarçar Sacy que, na sua tradução do *Novo Testamento*, declara ter combinado a regra "restituir sentido por sentido" com a expressão literal, mas ao mesmo tempo não deixa de proclamá-lo "o modelo dos tradutores da Escritura", louvando-o por não ter se subordinado servilmente à letra, mas ter em muito esclarecido o original de Jó e dos Profetas, ao mesmo tempo em que conserva sua força, seu vigor, seu brilho e sua grandeza características (*Préface*, f. 9 r. - v.).

Acrescentemos, por fim, a prestigiosa autoridade de Santo Agostinho que Sacy não se furta a assinalar. Seu entusiasmo pelas traduções de Jerônimo e por sua emancipação da letra, emprestando-lhe o sistema misto, pretensamente conciliatório, no qual letra e espírito coexistem sobre o papel, sem se fudirem, esclarecendo-se mutuamente.

puleux, que nous rencontrerons par la suite.

Quant aux théoriciens et aux traducteurs port-royalistes, ils découvrent des raisons décisives contre les servitudes du mot à mot, en même temps qu'ils dépitent une voie nouvelle, combien tentante, celle du sens, où ils s'engagent tous, avec ou sans remords et prudence, et qu'ils décrivent dans les termes, plus ou moins amplifiés, de Cicéron et des autres, à peu près comme Le Maistre dans son manuscrit:

La première et la principale Règle de la Traduction est de traduire non mot pour mot mais sens pour sens, c'est-à-dire d'exprimer en françois le sens du Latin ou du Grec sans s'attacher servilement ni à l'ordre des mots ni à la structure de la locution Latine ou Greque ni aux phrases" [*sic*]. (f. 1 r.).

À l'appui de cette proposition capitale accourent, non seulement les textes latins que l'on sait, longuement reproduits, traduits et commentés, mais d'autres arguments encore, tirés soit de la belle antithèse, *mort-vivant*, de M. de Sacy, soit d'images analogues, d'origine rhétorique; le tout conduisant à la condamnation sans appel de la littéralité, coupable, décide Le Maistre, d'engendrer une "obscurité prodigieuse": "Car le sens est l'âme du discours et les paroles en sont le corps. Et ainsi une traduction toute littérale est un corps sans âme, le corps étant d'une langue et l'âme d'une autre"; disconvenance qui prive le discours de tout "naturel" et le rend semblable à un monstre (ff. 2 v. - 3 r.).

Os teóricos e tradutores de Port Royal, descobrem razões suficientes contra a servidão da tradução palavra por palavra, ao mesmo tempo em que abrem uma nova via, tentadora, a do sentido, a qual todos seguem, com ou sem remorsos e prudência, e que descrevem nos termos, mais ou menos amplificados, de Cícero e dos outros, um pouco como Le Maistre em seu manuscrito (f. 1, f.):

A primeira e principal Regra da Tradução consiste em traduzir não palavra por palavra, mas sentido por sentido, ou seja, exprimir em francês os sentidos do latim e do grego sem apegar-se servilmente nem à ordem das palavras, nem à estrutura da locução latina ou grega, nem às frases [*sic*].

Para dar apoio a esta proposição capital acorrem não somente os textos latinos que conhecemos, já exaustivamente reproduzidos, traduzidos e comentados, mas ainda outros argumentos, extraídos tanto da bela antítese, *morto-vivo*, de Sacy, quanto de imagens análogas, de origem retórica; tudo isso conduzindo à condenação incontestada da literalidade, culpada, como decide Le Maistre, por engendrar uma "obscuridade prodigiosa": "pois o sentido é a alma do discurso e as palavras são seu corpo. E assim uma tradução literal é um corpo sem alma, sendo o corpo de uma língua e a alma de outra"; incompatibilidade que priva o discurso de seu "caráter natural" e o torna semelhante a um monstro (*manuscrit*, ff.2v.-3 f.).

Après avoir servi aux leçons magistrales de Le Maistre, toute cette démonstration manuscrite, faite pour aboutir à la condamnation sans appel de la fidélité littérale, allait quelque trente ans plus tard, en 1687, reparaître sous la plume de Pierre Coustel (*op. cit.*, t. II, pp. 189, 193-4), qui s'en instituera mystérieusement l'écho parfois textuel et le diffuseur à long terme.

Par malheur, le refus du *mot à mot* ne rendait guère le sens plus accessible, ni ne tournait automatiquement à l'avantage de la nouvelle fidélité. Cela, - toujours et malgré tout! - pour des raisons de langue et surtout de style qui opposent au traducteur des obstacles plus grands encore que ceux de la lettre, et pratiquement insurmontables. On s'en doutait depuis au moins un siècle, - Dolet, Du Bellay, Pasquier, d'autres encore, l'ayant dit et redit en termes excellents.

Déjà, Cicéron avait reconnu la difficulté, due à l'existence d'un usage propre à chaque langue, d'où l'obligation d'y adapter les mots étrangers, *verbis ad nostram consuetudinem aptis* (*De opt. gen. orat.*, § 14); et de ne s'attacher aux mots de l'original que dans la mesure où ils ne s'éloignent pas trop de notre manière, *a more nostro* (*ibid.*, t § 23). Or, Antoine Le Maistre, ayant reproduit ces préceptes, en tire l'enseignement légitime que chaque langue a “des phrases [sic] et des expressions particulières qui lui sont propres” (*Ms. cité*, t. 1 r. et 2 v.). Et Coustel, en citant le § 14 de Cicéron, l'interprète à peu près dans les mêmes termes (*op. cit.*, t. II, p. 192). - Plus explicite, Saint Jérôme

Por infelicidade, rechaçar a tradução palavra por palavra não tornava o sentido mais acessível, nem tornava a nova fidelidade automaticamente mais vantajosa. Isso – sempre e apesar de tudo! – por razões de língua e sobretudo de estilo que impõem ao tradutor obstáculos ainda maiores que aqueles da letra, e praticamente intransponíveis. E disse já se suspeitava há pelo menos um século – Dolet, Du Bellay, Pasquier, e outros, já o haviam afirmado e reafirmado de maneira lapidar.

Mesmo Cícero já tinha reconhecido tal dificuldade, devida ao uso particular de cada língua, donde a obrigação de adaptar a cada uma as palavras estrangeiras, *verbis ad nostram consuetudinem aptis* (*De Optimo Genere Oratorum*, §14); e de apegar-se às palavras do original apenas na medida em que não se distanciem muito de nossa maneira de dizer (*a more nostro*). Ora, Antoine Le Maistre, tendo reproduzido estes preceitos, deduz legitimamente que cada língua possui “frases [sic] e expressões particulares que lhe são próprias”. E Coustel, citando o parágrafo 14 de Cícero, interpreta-o praticamente nos mesmos termos. Mais explícito, São Jerônimo fala das *pro-*

parle des *propriétés* - intransmissibles comme telles - de chaque langue, *proprietates alterius linguae*; ou bien, de son *genre* exclusivement personnel et comme indigène, *ipsum postremo suum et, ut ita dicam, vernaculum linguae genus*; ce qui explique bien la différence des hyperbates, des figures en général, et d'autres semblables difficultés (*Préface* à la trad. de la *Chronique* d'Eusèbe; citée dans la *Lettre* LVII, § 5). Cette fois encore, Le Maistre, après avoir donné ces textes latins *in extenso*, en tire rapidement la substance, à sa manière, assez infidèle, précisément: ... "chaque langue a ses graces et ses beautés naturelles et particulières pour les expressions et pour le style"... (*ibid.*, f. 1 v.). Quant à Coustel, qui, de son côté, cite et commente plus d'un fragment de ces textes cités jadis par Le Maistre et, plus récemment, par Huet, il n'insiste pas, dans son commentaire, sur ce point particulier (*ibid.*, t. II p. 191 *et passim*).

De cette fâcheuse fatalité linguistique on se saisit souvent à Port-Royal, où personne ne devait ignorer les leçons de Jérôme et de Cicéron, et où l'on voit encore, parmi d'autres, M. de Sacy - dès 1647, jusqu'à l'épreuve décisive des Saintes Ecritures, - avertir sans cesse qu'il n'est point de "grâces" communes à deux langues (*Phèdre*, 1647, *Au Lecteur*, f. 4 r. ; S. Prosper, 1647, *A.-Propos*, f. 2 v.) ; que "le génie" du français - terme d'un emploi peu courant encore - est "entièrement différent" de celui du grec et du latin, et que, par exemple, il porte "à regarder comme bas ce qui peut passer dans ces autres langues pour grand et majestueux" (*N. Test.*,

*priedades* – intransmissíveis – de cada língua (*proprietates alterius linguae*); ou, ainda, de seu *gênero* exclusivamente pessoal e, digamos, nativo (*ipsum postremo suum et, ut ita dicam, vernaculum linguae genus*); o que explica a diferença entre hiperbates, as figuras em geral e outras dificuldades semelhantes (*Préface* à tradução da *Chronique* de Eusébio; citado na *Carta* LVII, § 5). Mais uma vez Le Maistre, depois de citar os textos latinos *in extenso*, extrai-lhes rapidamente a substância, a sua maneira, bastante infiel, precisamente: [...] "cada língua tem sua graça e suas belezas naturais e particulares para as expressões e para o estilo" [...] (*manuscrit*, f. 1, v.).

Desta incômoda fatalidade linguística estavam todos cientes em Port-Royal, onde ninguém devia ignorar as lições de Jerônimo e de Cícero e onde se via, entre outros, Sacy que – a partir de 1647 até o desafio decisivo das Santas Escrituras – já advertia sem cessar que não há "graça" que seja comum a duas línguas (*Phèdre*, 1647, *Au Lecteur*, f. 4, f. ; *Poème* de Saint Prosper, 1647, *Propos*, f. 2, v.); que o "gênio" do francês – termo de emprego ainda pouco corrente – é "inteiramente diferente" daquele do grego e do latim, e que, por exemplo, pode, ao francês, "parecer comum o que nestas outras línguas passa por grande e majestoso"

1668, *Préface*, f. 9 r.) ; que, par un nouvel exemple, le *Cantique des Cantiques* abonde en “expressions métaphoriques, prises des manières et des coutumes qui s'observoient dans les mariages des Hébreux”, et qu'en général, “toutes les expressions qui paroissent hyperboliques, et hors de l'usage commun des peuples, doivent être regardées comme des manières de parler propres au pays”... (Trad. du *Cantique*, éd. 1694, *Préface*, f. 7 r. - v.). - II n'est enfin jusqu'à Pierre Coustel qui ne recommande de bien entendre “les rapports et les ressemblances et dissemblances” des diverses langues (*op. cit.*, t. II, p. 187).

Différentes dans l'espace, les langues diffèrent encore dans le temps et changent avec les époques, ce qui postule la déchéance périodique des traductions. Etienne Pasquier s'en plaignait jadis amèrement (*Lettres*, 1619, t. I, pp. 84-86, 688-9), alors que Charles Sorel y voit un “privilège”, qui permet de “refaire les livres selon la Mode qui court” (*Bibl. fr.*, 1664, p. 215). A Port-Royal même, on ne peut que déplorer un phénomène particulièrement préjudiciable aux textes sacrés, ainsi que M. de Sacy le laisse entendre à propos du *Nouveau Testament* de Louvain, qui est du “siècle passé”, et s'en ressent, le nouvel “usage” l'ayant proprement “défigurés” (*N. Test.*, 1668 *Préface*, t. 3 r.).

Fonction, elle-même, de l'espace et du temps, la langue française comporte son caractère personnel, que Port-Royal tente de définir, en soi et, plus encore, comparativement au grec et au latin. C'est surtout la longueur ou la brièveté relatives des

(*Novo Testamento*, 1668, *Préface*, f. 9, f.); que, ainda outro exemplo, o *Cântico dos Cânticos* abunda em “expressões metafóricas, resultantes dos modos e costumes observados nos casamentos hebraicos” e que, em geral, todas as expressões que parecem hiperbólicas, e de uso incomum, devem ser consideradas como maneiras de falar próprias a um país (*Cantique des cantiques*, 1694, *Préface*, f. 7, f/v).

Diferentes no espaço, as línguas diferem ainda no tempo e mudam com as épocas, o que explica a caducidade periódica das traduções. Fato que Etienne Pasquier outrora lamentou amargamente (*Lettres*, 1619, t. I, pp. 84-86, 688-9), mas que Charles Sorel encara como um “privilégio” que possibilita “refazer os livros conforme os tempos que correm” (*Bibl. fr.*, 1664, p. 215).

Função, ela própria, do espaço e do tempo, a língua francesa possui seu caráter particular, que Port-Royal tenta definir, em si mesma e comparativamente ao grego e ao latim. É sobretudo a extensão ou a brevidade relativas dos períodos que ocupa os

périodes, partant la construction de la phrase, qui sollicitent l'attention unanime; et, plus généralement, l'étendue et le "nombre" de l'expression française, avec ce qu'ils entraînent de conséquences décisives pour le style. Cicéron et Jérôme (*op.cit.*) en discutaient déjà quant au latin, plus "long" que le grec, d'où la liberté que prit Cicéron d'expliciter ses modèles. La question se pose dans les mêmes termes quant au français, et hante tous les traducteurs, sans exception, depuis le Sacy du *Poème* de Saint Prosper en 1647, jusqu'à celui du *Nouveau Testament* vingt ans plus tard, en passant par les Manuscrits de Le Maistre, d'Arnauld d'Andilly, de Du Fossé-Fontaine, sans préjudice pour certaines *Préfaces* de Lancelot, et sans oublier les tardifs Coustel et surtout Guyot, fort intéressant en l'occurrence (trad. des *Lettres morales* de Cicéron, 1666, f. 1 v.), ni, un peu à l'écart de Port-Royal, Gaspard de Tende. Interminable débat, plutôt monotone, qui se ramène à l'affirmation que, prise à la lettre, la "breveté" [*sic*] du latin et, *a fortiori*, du grec, infligerait une intolérable "obscurité" à leur traduction française, et qu'il est donc permis d'allonger celle-ci, tout en évitant de tomber dans des longueurs non moins intolérables; car, ici comme ailleurs, c'est le "juste milieu" qui semble l'emporter, - avec M. d'Andilly, dans son Manuscrit, avec Du Fossé, avec Gaspard de Tende, - aboutissement, inévitable à l'époque, de toute controverse dialectique.

La juste longueur de la phrase et du style importe d'autant plus qu'elle figure parmi les conditions primordiales de leur *clarté*. Or, nos

espíritos, ou seja, a construção da frase, e, de maneira mais geral, a extensão e o "ritmo" da expressão francesa, com tudo o que esses elementos têm de decisivo para a questão do estilo. Cícero e Jerônimo já discutiam sobre ser o latim "mais longo" que o grego e sobre as consequências disso em suas escolhas. A questão se coloca nos mesmos termos com relação ao francês, assombrando todos os tradutores sem exceção, desde o Sacy tradutor do *Poema* de São Próspero em 1647, até quando traduz o *Novo Testamento*, vinte anos mais tarde. O mesmo vale para os manuscritos de Antoine le Maistre, de Arnauld d'Andilly e de Du Fossé-Fontaine, alguns prefácios de Lancelot, e, um pouco mais tarde, Coustel e sobretudo Guyot, muito interessante aliás (traduction des *Lettres morales* de Cicéron, 1666, f. 1 v.). E mesmo, um tanto distante de Port-Royal, Gaspard de Tende. Debate interminável e mesmo monótono, segundo o qual o caráter mais breve da frase latina, e até mesmo do grego, se tomado literalmente, infligiria uma intolérável "obscuridade" à tradução francesa, sendo por isso permitido alongá-la, evitando, no entanto, exageros não menos intoléráveis. Pois é o "justo equilíbrio" que parece sempre encerrar a controvérsia, neste como em outros casos, resultado, aliás, a que se chega inevitavelmente, à época, em todo debate dialético.

A justa extensão da frase e do estilo é tanto mais importante por ser vista como uma das condições primordiais de sua *clareza*. E nossos

théoriciens, s'accordent presque toujours avec Antoine Le Maistre qui, dans ses notes manuscrites, s'applique à promouvoir le principe que la langue française étant “la plus claire de toutes les langues”, sa “clarté souveraine” doit, comme telle, régner jusque dans la traduction, dont l’“excellence” consiste précisément, entre autres, “en ce qu'elle soit très claire” (Ms., ff. 5 v. - 6 r.). Malheureusement, par ses différentes exigences, - que Le Maistre (*ibid.*), Gaspard de Tende, d'autres encore, transforment en préceptes, - la clarté risque fort d'aggraver encore l'écart que la divergence des idiomes crée entre l'original et sa traduction, achevant ainsi de compromettre l'effort du traducteur en vue d'atteindre à la fidélité, fût-elle respectueuse, non plus de la lettre, mais du seul “sens”, voire du seul “esprit” de l'original.

Dès lors, toutes racines coupées, n'étant plus, d'une part, ancré dans le terroir de la langue originale, affrontant, d'autre part, les écueils et l'invincible résistance de la réceptrice, le traducteur erre à la dérive sur l'océan tentateur du possible, à moins que, de guerre lasse, il ne glisse insensiblement, avec une volupté traîtresse, vers la licence des simples adaptations. Il ne s'y résigne pas sans peine toutefois, d'où l'exaltation équivoque, l'absurde ambition, que l'on surprend sous la plume de plus d'un. Ainsi, la même année 1647, le grand Arnauld, à force de chercher une “exacte fidélité”, prétend “faire parler François à saint Augustin, sans le faire parler autrement qu'en saint Augustin” (Trad. *Des Mœurs de l'Eglise Cath.*, 2e éd., *Au Lecteur*, f.

teóricos de Port-Royal concordam a maior parte do tempo com Antoine Le Maistre que, em suas notas manuscritas, se esforça em consolidar o princípio de que a língua francesa é “a mais clara entre todas as línguas” e que, assim sendo, sua “clareza é soberana” e, como tal, deve reinar até mesmo na tradução, cuja excelência consistirá precisamente no fato de ser muito clara” (*manuscripts*, ff. 5, v. - 6, f.). Infelizmente, a clareza - que Le Maistre e Gaspard de Tende, entre outros, transformam em preceito - pode vir a aprofundar ainda mais o abismo já existente entre original e tradução, acabando por comprometer o esforço do tradutor em busca da fidelidade, mesmo sendo ela uma fidelidade somente ao sentido ou mesmo ao “espírito” do original.

Como que sem raízes, sem poder abrigar-se na língua original e afrontando as ciladas e a invencível resistência da língua de chegada, o tradutor erra à deriva no oceano tentador do possível, a menos que, cansado de guerra, não se deixe levar insensivelmente, em uma voluptuosidade traidora, à licenciosidade das simples adaptações. Daí talvez a exaltação equivocada ou a absurda ambição que se pode surpreender em mais de uma pluma. Como em 1647, o grande Arnauld, buscando a “justa fidelidade”, pretende “ter feito falar francês a Santo Agostinho, sem que deixe de falar exatamente como Santo Agostinho” (*Des Mœurs de l'Eglise Catholique, Au Lecteur*, f. 9, v.). Enquanto Sacy, reconhecendo ter às vezes “desenvolvido” os versos la-

9 v.); alors que M. de Sacy, tout en reconnaissant d'avoir parfois “développé” les vers latins de Saint Prosper pour les rendre plus “intelligibles”, se flatte bien gratuitement que le Saint l'eût fait lui-même “s'il eust écrit en François” (Trad. du *Poème* de S. Prosper, *A.-Propos*, f. 3 v.). Même son de cloche, à un mot près, durant au moins quarante ans, dans le Manuscrit de Le Maistre, dans celui d'Arnauld d'Andilly, dans les Règles de Du Fossé, dans l'ouvrage de Coustel enfin (t. II, p. 196). Entre temps, Thomas Guyot, poussant de pieux désir à l'allégorie, compare ingénieusement les mauvais traducteurs, ceux qui font “parler latin avec des termes français”, à “un mal-habile tailleur qui, voulant faire un habit à l'Espagnole, se, contenterait de le faire de drap d'Espagne...” (*Lettres mor. et pol.* de Cicéron, 1666, *Avis*, f. 2 v.). Du coup, sans toujours s'en douter, Port-Royal s'avance dans le sillage de M. d'Ablancourt, lequel, au dire de Patru, avait en telle horreur la “servitude” qu'en le lisant, “on pense lire des originaux, et non pas des traductions” (*Vie de M. d'A.*, dans *Oe. diverses*, 1681, p. 946).

La grande controverse que le siècle mène au sujet des origines, des limites et des attributions de l'*usage* - bas, populaire, familial, commun, noble, etc. - ne laisse pas de recouper le débat de nos traducteurs, divisés sur la question dès le “différend”, quand d'accord avec M. d'Andilly, M. de Sacy regrette l'excès de “délicatesse” qui engage son frère à condamner, comme déplaisants certains termes - *oignit*, *dilection*, *tabernacle* - bien “familiers” au public, pour le-

tinios de São Próspero para torná-los mais “inteligíveis”, vangloria-se que o santo teria feito o mesmo “se tivesse escrito em francês” (*Poème* de Saint Prosper, 1647, *Propos*, f. 3, v.). Mesma ladainha, quase idêntica, durante pelo menos quarenta anos, no manuscrito de Le Maistre, no de Arnauld d'Andilly, nas *Regras* de Du Fossé, na obra de Coustel. Assim, sem nem sempre dar-se conta, Port-Royal segue o caminho de Perrot d'Ablancourt que, segundo Patru, tinha em tal horror a “servidão” que, ao lê-lo, “pensamos estar lendo originais e não traduções” (*Vie de Monsieur d'Ablancourt*, em *Oeuvres diverses*, 1681, p. 946).

A grande controvérsia daquele século a respeito das origens, limites e atribuições do uso - baixo, popular, familiar, comum, nobre, etc. - vem sobrepor-se ao debate de nossos tradutores. Assim, Sacy, concordando com Andilly, lamenta o excesso de “delicadeza” de Le Maistre que condena certos termos - “ungido”, “predileção”, “tabernáculo” - familiares ao público para o qual ele declara escrever.



quel pourtant Le Maistre prétend écrire. Celui-ci dut résister, car, à la même époque, au nom de “l’Elégance”, il recommande d’ “Eviter les mots bas et populaires et les façons de parler [...] dans le discours familier” (*Ms.*, f. 5 v.).

Tout près de la délicatesse lexicale, la délicatesse morale opère dans le même sens sélectif. Dès qu’ils touchent à des écrits profanes - ainsi, en 1647, M. de Sacy, avec son *Phèdre*, son *Térence* et leurs préfaces, fort instructives à cet égard, - les traducteurs port-royalistes sont saisis de scrupules qui aggravent leur infidélité et facilitent leur glissement vers la pure adaptation en beauté.

Cependant, pour devenir décisive, cette tentation doit puiser des forces aux sources plus ou moins impures du désir de *plaire*. Il s’agit là d’un instinct humain par excellence qui, tout à la fois, exploite et fonde l’un des principes constitutifs de la Rhétorique éternelle, celui du *quod decet*, ou “convenance”. M. Le Maître le sait bien pour qui l’*Apte dicere* de Quintilien est une des conditions “de l’Elégance et de l’ornement” (*Ms.*, t. 5 v.). Quelques années plus tard, Pierre Nicole, dans certaine Dissertation latine de sa façon (en tête de l’*Epigrammatum Delectus* de Lancelot, 1659, ff. 2, 4, 5, 12), aussitôt résumé par Gaspard de Tende (*op. cit.*, Règle IV, ff. 4 v.-5 r.), se montrera plus explicite. Et mieux encore M. de Sacy qui, sur le tard, dans différentes *Préfaces* (*N. Test.*, éd. 1668, ff. 4 v. et 15 r.; etc), fort de l’appui de Saint Augustin (*De Doctr. chr.*, IV, 6, 9), entend “proportionner” le style de ses traductions de la

Além da delicadeza lexical, a delicadeza moral também opera no mesmo sentido seletivo. A partir do momento em que traduzem escritos profanos – como é o caso de Sacy com Fedro e Terêncio e seus instrutivos prefácios – os tradutores de Port-Royal são assaltados por escrúpulos que reforçam sua infidelidade e facilitam sua tendência a privilegiar a pura adaptação em busca da beleza.

*Bible* à deux facteurs essentiels du *decere*, - “le monde” auquel on s'adresse, et “celuy qui parle”.

Pour plaire, il faut donc, “proportionner”, autrement dit, par le moyen de multiples adaptations, souvent concurrentes, *convenir*, - convenir à nombre de facteurs humains et autres, personnes, temps, lieux, milieux, circonstances, langages, genres... Enorme problème qui, de plus, engendre et régit celui de la *couleur locale*, - bien que cette expression n'apparaisse guère sous la plume de nos théoriciens, - problème périlleux de surcroît, véritable instrument à double tranchant, surtout en matière de traduction, laquelle, oscillant avec chaque syllabe entre deux pays, deux époques, deux mondes, n'échappe jamais tout à fait aux équivoques déroutantes qui la guettent.

A qui donc, en effet, le traducteur doit-il plaire? Au public, au siècle, qui furent ceux de l'original, et qu'il s'appliquerait de quelque manière à ressusciter par l'acte même de sa version? Ou bien, moins péniblement, à son public, au public de son époque, dans ce qu'il a, bien entendu, de plus flatteur? Le siècle, on le sait, opte en général pour la dernière solution. Il entend, même par ses traductions, plaire au “monde” et, pour y parvenir, il consent à épouser ses goûts, ses habitudes, son langage. Ce faisant, il marche un long temps sous la bannière des fameuses “belles infidèles”, depuis le ridicule *Enée* de l'abbé Perrin en 1648, aussi bon “cavalier français” que l'*Achille* de La Valterie en 1681; depuis le *Quintecurce* de Vaugelas (1653) et le *Lucien* de Perrot d'Ablancourt (1654),

Para agradar, é preciso portanto “ser proporcional”, ou seja, por meio de múltiplas adaptações, muitas vezes contraditórias, “ser conveniente”, convir a muitos fatores humanos e outros - pessoas, tempos, lugares, meios, circunstâncias, línguas, gêneros - enorme problema que além de tudo, engendra um outro: o da *cor local* - se bem que esta expressão não apareça sob a pluma de nossos teóricos - problema perigoso, verdadeira faca de dois gumes, sobretudo em se tratando de tradução, que oscilando, a cada sílaba, entre dois países, duas épocas, dois mundos, nunca escapa totalmente aos equívocos desencorajadores que a espreitam.

A quem então deve o tradutor agradar? Ao público e ao século do original, tentando ressuscitá-los de qualquer maneira por seu ato? Ou, menos laboriosamente, a seu público, ao público de sua época, com tudo o que possui de mais lisonjeiro? O século XVII, sabemos, opta de maneira geral pela segunda alternativa. Almeja-se agradar o “mundo” e, para consegui-lo, consente-se ir ao encontro de seus gostos, seus hábitos, sua linguagem. E assim fazendo, avança-se um longo tempo sob a bandeira das famosas “belas infieis”, desde o ridículo *Enéias* do abade Perrin, de 1648, tão bom “cavalheiro francês” quanto o *Aquiles* de la Valterie de 1681, desde o *Quinto Cúrcio* de Vaugelas (1653) e o *Luciano* de Samósata de Perrot d'Ablancourt (1654) até o *São João* de Maucroix (1671) e o *Homero*

jusqu'au *Saint Jean* de Maucroix (1671), en attendant l'*Homère* versifié par Houdar de la Motte, descendant abâtardi d'Ablancourt. Se dérobant à une exactitude - lettre ou sens - qu'ils ne cessent d'ailleurs de revendiquer à coups de sophismes, tous, ils font assaut de politesse et de galanterie et ne se gênent nullement d'accommoder leurs modèles, fussent-ils vieux de deux mille ans, "selon la mode qui court" (Ch. Sorel, *op. cit.*, p. 215).

Galant, le siècle n'en demeure pas moins soumis à la raison, laquelle engage le traducteur à faire fi des données concrètes de son modèle – style, circonstances et autres – pour le couler en des formes générales, passablement cartésiennes, et le conformer ainsi à la logique de l'intelligible; phénomène dont Gustave Lanson a touché un mot, jadis, excellemment (*L'infl. de la Philo, cartes.*, 1896, dans *Etudes d'hist. litt.*, 1929, p. 62), mais dont il serait grand temps d'entreprendre l'étude systématique. La raison donc. Et donc, aussi, la *clarté*, qui en est comme le gage et le miroir, qui tient par conséquent aux exigences intimes du goût contemporain, que l'on ne cesse de prôner sur tous les tons, dans tous les milieux, et dont Port-Royal lui-même mettra longtemps - je le prouverai - à comprendre et à tenter d'écarter les risques et les aléas qu'elle comporte pour le traducteur d'ouvrages sacrés.

Dans ce concert, où, curieusement, raison et galanterie font si bon ménage, les voix discordantes se font rares qui, à l'exemple de Mme Dacier en 1684, osent reprocher aux contemporains, traducteurs et autres, de

em versos de Houdar de la Motte. Todos eles, fugindo de uma exatidão, que, aliás, não cansam de reivindicar a golpes de sofismas, concorrem em polidez e galanteria e não se incomodam nem um pouco em adaptar seus modelos "à moda atual", mesmo que estes tenham mais de dois mil anos.

Mesmo galante, o século não pode deixar de se submeter à razão, o que obriga o tradutor a ignorar os aspectos concretos de seu modelo – estilo, circunstâncias e outros – para restituí-lo em termos gerais, bastante cartesianos, adaptando-o assim à lógica do inteligível. A razão, portanto. E portanto, também, a clareza, louvada incansavelmente em todos os tons e lugares. Clareza que Port-Royal vai demorar bastante a compreender para tentar afastar os riscos que ela comporta para o tradutor de obras sacras.

Nesta dança onde, curiosamente, razão e galanteria, formam tão belo par, as vozes discordantes se fazem raras, como Madame Dacier que, em 1684, ousa criticar seus contemporâneos, tradutores e outros, de

ne “jamais perdre de vue [leur] siècle” (trad. *Aristophane, Préface*, i. 9 r.). Et l'on s'étonne de voir que Port-Royal lui-même, jusque dans ses versions religieuses, résiste mal à cette hérésie. Il s'y égare d'autant plus volontiers que ses maîtres antiques, toujours les mêmes, lui en frayent la voie. Cicéron (*De pot. gen. orat.*, § 14), en effet, dans les termes de Le Maistre, se flatte d'avoir traduit les fameux discours, non point “comme un Interprète et un truchement, c'est-à-dire sans art et sans beauté, mais comme un Orateur”, c'est-à-dire en beauté (*Ms.*, f. 1 r.; même version chez P. Coustel, *op. cit.*, t. II, p. 192). Et, faisant écho à Saint Jérôme (Lettre LVII, § 5), Le Maistre exhibe avec satisfaction le fait, si rassurant pour sa propre conscience, que, pour sauvegarder la beauté de l'original, “Cicéron avait obmis, ajousté et changé plusieurs choses dans cette Traduction” (*Ms.* ff. 1 v. et 5 v.; comp. P. Coustel, *op. cit.*, t. II, p. 190). Le fâcheux dans l'affaire, c'est que les propos de ce genre offrent au traducteur une liberté pratiquement sans bornes, à preuve l'intérêt qu'au même moment, ils inspirent à des infidèles déterminés, à d'Ablancourt (trad. *Lucien*, 1654, *Epître*, f. 5 v.), à Maucroix (trad. *S. Jean Chrys.*, 1671, fin de la *Préface*), qui les mettent en avant comme des boucliers et, par là, les compromettent.

Embellir! Telle est, en effet la consigne secrète ou patente de chacun. La dessus, le raisonnement court les rues - et les ruelles - qui, du fait que l'original est “agréable” ou “beau”, tire cette conclusion - légitime en soi, combien corruptrice en fait! -

“nunca perder de vista o século” (tradução de *Aristophane, Préface*, i. 9, f.). E é surpreendente perceber que Port-Royal, mesmo em suas versões religiosas, pouco resista a esta hereisia. Perde-se de bom grado nesta via que seus mestres antigos abriram. E fazendo eco a São Jerônimo (Lettre LVII, § 5), Le Maistre expõe com satisfação o fato - tranquilizador para sua própria consciência - que para salvaguardar a beleza do original, “Cícero omitiu, ajustou e mudou várias coisas em sua tradução” (*manuscrit.* ff. 1, v. e 5, f.). O grave, no caso, é que proposições deste tipo dão ao tradutor uma liberdade praticamente sem limites e que certos infieis - d'Ablancourt e Maucroix - não deixam de utilizar como escudo, comprometendo os tradutores de Port-Royal.

Embelezar! Tal é a palavra de ordem, secreta ou patente, de cada um. O raciocínio resultante desta máxima - legítimo, porém prejudicial - é que se o original é “agradável” ou “belo”, a tradução também deve sê-lo, mesmo que *de maneira diferente*.

que la traduction doit l'être tout autant, fût-ce *autrement*. Et qu'elle doit "plaire" autant que son modèle, conçu en conséquence: le traducteur ne serait donc véritablement fidèle qu'à ce prix. Raisonement subtil qui, à force d'éblouir, peut convaincre, mais n'en demeure pas moins un sophisme, dont les maléfices éclatent à l'examen. On le claironne pourtant, surtout dans le camp de Perrot d'Ablancourt et de ses disciples, y compris Tende et, à l'occasion, Sorel: que l'on veuille bien se reporter à leurs Préfaces, à leurs ouvrages...

On se doute bien que Port-Royal ne fut pas exempt de ce sophisme du plaisir et de la beauté par procuration. C'est bien ce qui, lors du "différend", inquiéta certains Messieurs dans les Saints Pères traduits par Le Maistre "avec tant de pompe et de majesté", - et de "beauté aux dépens de la fidélité". Le traducteur l'emporta pourtant, on s'en souvient, grâce à "l'avis de Cicéron et des autres" (Fontaine, *op. cit.*, t. I, pp. 136-7). Et c'est en marge des mêmes autorités que Le Maistre va risquer des opinions que nul repentir n'effleure. Non content, dans son Manuscrit, de monter en épingle des textes assez suggestifs déjà dans leur simple vérité, voilà, en effet, qu'il les sollicite et en tire d'audacieuses conclusions, que ces grands anciens n'avaient guère prévues. S'agit-il donc de condenser en d'ultimes formules les réponses à la question de savoir "En quoy consiste l'excellence d'une traduction"?

Ela deve agradar tanto quanto seu modelo e só assim o tradutor seria verdadeiramente fiel. Raciocínio sutil que, por seduzir, pode convencer, mas não deixa de ser um sofisma, cujos malefícios aparecem sob análise.

Port-Royal não deixou de sucumbir a este sofisma do prazer e da beleza por procuração. E também, como vimos, não deixou de se inquietar com a tradução dos Santos Padres feita por Le Maistre "com tanta pompa e majestade" e com tanta "beleza produzida às expensas da fidelidade" (*Mémoires*, 1736, t. I, pp. 136-8). O tradutor fez valer suas escolhas graças "à opinião de Cícero e dos outros" (Fontaine, t. I, pp. 136-7). E não contente, em seu manuscrito, de trazer como argumentos os textos dos antigos, já altamente sugestivos, Le Maistre tira deles audaciosas conclusões que esses grandes nomes do passado não tinham certamente previsto. À pergunta: em que consiste a excelência de uma tradução, ele responde (*manuscrit*, f. 6, f.):

En ce qu'elle soit plus belle que l'original si l'original n'est pas excellent pour le style et pour l'élégance. Où il faut monstrier qu'il [est] quelquefois permis d'*ajouter* diverses beautés pour le style à l'original, quoy que l'on ne doive rien ajouter pour le sens" (*Ms.*, f. 6 r. ; c'est moi qui souligne).

Le Maistre ne parle pas seul de la sorte à Port-Royal. Arnauld d'Andilly (*Ms.*, f. 30 r.), Du Fossé, à leur tour, prétendront que le français d'une traduction soit "aussi beau" que le latin de l'original. Qu'il le soit "selon la plus belle mode de son pays", précisera Guyot (*op. cit.*, t. 2 v.). Coustel enfin admettra sans façon qu' "il faut quelquefois ajouter quelque chose à la traduction, pour l'éclaircir, ou pour l'embellir"... (*op. cit.*, t. II, p. 194). C'est à Le Maistre cependant, peu de mois avant sa mort, en 1658, qu'appartient le mot le plus fort d'un procès perdu d'avance, qui est aussi, en tous points, celui des "belles infidèles"; mot que j'affaiblis sensiblement en l'isolant ici d'un contexte parfaitement ignoré à ce jour, bien que lourd de sens, et que je reproduis ailleurs dans toute sa teneur :

Il faut que nos traductions, pour être parfaites, paroissent comme d'autres originaux, et comme une nouvelle production; et qu'elles fassent demander aux lecteurs si les ouvrages qu'on a traduits sont aussi beaux que ces traductions" (trad. des *Sermons* de S. Bernard, 1658, Préface, t. 5 v.).

Comment y parvenir ? En prenant de larges biais, bien sûr, en s'ingéniant à rendre, ainsi que Cicéron le conseille (*op. cit.*, §§ 14 et 23)

Em que ela seja mais bela que o original se o mesmo não for excelente quanto ao estilo e à elegância. Donde decorre que às vezes é permitido acrescentar a beleza em prol do estilo, embora não se deva nada acrescentar com relação ao sentido.

Le Maistre não é o único a falar nestes termos em Port-Royal. Arnauld d'Andilly (*manuscrit*, f. 30, f.) e Du Fossé, também reivindicam que o francês de uma tradução seja "tão belo" quanto o latim do original. E que assim seja segundo "a mais bela prática de seu país", precisa Guyot (*Lettres morales et politiques* de Cícero, 1666, *Avis*, f. 2, v.). E Coustel admitira sem pudor que às vezes é preciso acrescentar alguma coisa à tradução, para esclarecer ou para embelezar. Mas é a Le Maistre, poucos meses antes de sua morte, em 1658, que se devem as palavras mais contundentes de um processo perdido de antemão e que é o mesmo, em todos os aspectos, das "belas infieis" (*Sermons* de São Bernardo, 1658, Préface, t. 5, v.):

Para serem perfeitas nossas traduções devem parecer como outros originais e como uma nova produção; e que façam os leitores se perguntarem se as obras que traduzimos são tão belas quanto suas traduções.

Como alcançar isso? Certamente tomando grandes desvios e esforçando-se por restituir, como Cícero aconselha pela pluma entusiasta de

par la plume enthousiaste de M. Le Maistre, non pas les termes mêmes, mais leur “espèce”, leur “nature”, leur “force”, préceptes que vient rehausser l'admirable allégorie du nombre et du poids, - ne pas *compter*, mais *peser* (*Ms.*, ff. 1 r. et 2 r.). - Aussitôt, le témoignage de Saint Jérôme (*ibid.*) verse au débat cette précision substantielle, - qu'il convient de substituer aux propriétés d'une langue, celles de l'autre. - Et le tout se condense en une formule mémorable, qui reflète un peu le *generis eiusdem* de Cicéron et, mieux encore, les *proprietas* spécifiques selon Saint Jérôme: ... “il faut ainsy rendre grâce pour grâce et beauté pour beauté”... “et figure pour figure” (*Notes de Le M.*, ff. 1 v. et 5 v.), - Formule que Port-Royal ne chérit pas moins que de notoires “infidèles”, et qui se promène longuement à travers le siècle. - Quel en est donc l'inventeur? Il semble bien que M. de Sacy en a usé avant son frère, dès 1647, dans la *Préface* du *Poème* de Saint Prosper (f. 2 v.), et c'est lui qui la prête à Gaspard de Tende, de l'aveu même de celui-ci (*op. cit.*, *Règle V*). Elle reparait, plus ou moins exacte, dans la *Ite Remarque* manuscrite de M. d'Andilly, puis chez Du Fossé (*Règle II*), chez Coustel enfin, entourée des textes latins que nous savons et corsée d'exemples (*op. cit.*, t. II, pp. 191, 196) qui remontent au Manuscrit de Le Maistre (f. 1 r.).

Or, ce procédé, - Port-Royal le désigne çà et là par les termes “recompenser”, “proportionner”, “correspondre”, - est tout bonnement celui des équivalences, technique subtile, soumise à une éternelle controver-

Le Maistre, não os termos propriamente, mas sua “espécie”, sua “natureza”, sua “força”, preceitos que vêm realçar a admirável alegoria do número e do peso – não contar, mas pensar (*manuscrit.*, ff. 1, f. e 2, f.). Logo, as palavras de Jerônimo acrescentam ao debate esta precisão substancial: que convém substituir as propriedades de uma língua por aquelas de outra. Fórmula que Port-Royal aprecia tanto quanto notórios infieis e que permanece ao longo de todo o século.

Este procedimento, que Port-Royal designa pelos termos “recompensar”, “dosar”, “corresponder”, é simplesmente o das equivalências, técnica sutil, submetida a uma eterna controvérsia e que mereceria um es-

se, et qui mériterait à elle seule une étude dont je ne puis donner ici davantage que ces rapides indications.

Ces préceptes et maximes touchant la manière d'adapter "élégamment" les originaux, fussent-ils sacrés, aux modes, aux styles, aux convenances du temps, on peut les illustrer aisément en puisant, à peu près au hasard, dans la vaste production de Port-Royal. Ce n'est point ici notre propos. Voici toutefois, à titre d'échantillon - trié sur le volet, il est vrai, - comment Thomas Guyot, se conformant aux récentes recommandations de G. de Tende (*op. cit.*, L. II, Chap. 18), s'applique à faire parler bon français à Cicéron dans sa Lettre II à Sulpicius :

Monsieur, j'ai reçu votre Lettre [...]. Mais après l'avoir lue, Madame votre femme m'ayant fait l'honneur de me venir voir avec Monsieur votre fils, ils ont jugé à propos que vous prissiez la peine de venir ici." (*Nouvelle Trad. d'un nouveau recueil...*, 1666, pp. 10-13).

Quando *Postumia tua* devient "Madame votre femme", et *Servius noster*, "Monsieur votre fils", on ne s'arrête pas en si bon chemin, et l'on parle de Trebatius, de Plancius, de Pomponius, comme de M. de Trébase, M. de Plancy, M. de Pomponne (*op. cit.*, pp. 5, 9, 290, 322), au risque de confondre ce dernier personnage avec le diplomate de ce nom, le propre fils de M. d'Andilly.

tudo mais aprofundado, do qual eu não posso dar aqui senão algumas rápidas indicações. Estes preceitos e máximas, relativos à maneira de adaptar "elegantemente" os originais, mesmo que sagrados, aos hábitos, aos estilos, às conveniências do tempo, podem ser facilmente observados na vasta produção de Port-Royal. É o caso, por exemplo de Thomas Guyot, esforçando-se por fazer com que Cícero fale um bom francês em sua carta a Sulpício (*Nouvelle Traduction d'un nouveau recueil*, 1666, pp. 10-13):

Senhor, recebi sua carta [...]. Mas após tê-la lido, a senhora sua mulher, tendo me dado a honra de sua visita com o senhor seu filho, julgaram eles conveniente que o senhor venha até aqui [...]"

Quando *postumia tua* se torna *Madame votre femme* (senhora sua mulher) e *servius noster* passa a *Monsieur votre fils* (senhor seu filho), não será tão fácil parar e *Trebatius*, *Plancius* e *Pomponius*, facilmente se tornam *Monsieur de Trébase*, *Monsieur de Plancy* e *Monsieur de Pomponne* (*op. cit.*, pp. 5, 9, 290, 322), chegando-se ao risco de confundir este último com o diplomata de mesmo nome, que vem a ser, na verdade, filho de Andilly.



Au fait, ce dernier n'avait pas à s'offusquer de cette usurpation, lui qui, dans sa longue carrière de traducteur, en avait tant vu - et tant fait! - et qui d'ailleurs se flattait devant Richelet d'avoir refait Flavius Josèphe, non pas six fois, comme d'Ablancourt ses modèles, mais dix! Et ce n'avait pas été en pure perte puisque son *Histoire des Juifs* (1667-1668), que Sainte-Beuve, sans excès d'indulgence qualifie de "belle infidèle" (*P. R.*, L. II, 15, n.), eut l'heur de plaire à la Marquise de Sablé, voire à une autre Marquise, non moindre que Mme de Sévigné, laquelle trouvait, sans plus, que "tout y est divin"... Plus fâcheusement, le *Nouveau Testament*, dès sa publication en la même année 1667, connut un "prodigieux succès", jusque dans les ruelles, "auprès des dames", Mme de Longueville donnant le ton à cette mode... (Sainte-Beuve, cité par Péta-vel, *op. cit.*, p. 150). Cela, en dépit de certains juges modernes qui - prenant exemple de Joseph de Maistre, détracteur systématique de la littérature port-royaliste en général - tiennent cette version pour sèche et froide, non d'ailleurs sans lui reconnaître quelques autres mérites.

Est-ce à dire que l'on puisse sans discrimination ni réserve ranger les versions port-royalistes parmi les "belles infidèles", et poser, disons, M. de Sacy, en émule de M. d'Ablancourt? Le nom de M. de Sacy tombe particulièrement mal en cette conjoncture. Passe encore pour M. Le Maître, avec ses inquiétantes déclarations manuscrites, ainsi que pour ses disciples et copistes, Du Fossé, Coustel, M. d'Andilly lui-même, aussi bien

Isso equivaleria a dizer que podemos sem discriminação nem reserva classificar as versões de Port-Royal entre as "belas infieis" e transformar Sacy em uma espécie de êmulo de d'Ablancourt? Sacy, mesmo, dificilmente, mas talvez Le Maître, com suas inquietantes declarações manuscritas, assim como seus discípulos e copistas, Du Fossé, Coustel e o próprio Andilly, tanto em suas *Observações* manuscritas quanto em su-

dans ses *Remarques* manuscrites que dans ses œuvres et préfaces: tous, qu'ils en aient ou non conscience, ils se tournent visiblement vers l'horizon de toutes les licences, par souci d'une *clarté*, d'une *convenance*, voire d'une *éloquence* amplificatrice et d'une beauté adaptatrice dont ils s'instituent et demeurent les sectateurs impénitents, en théorie du moins, mais aussi, sans doute, dans la pratique.

Chez M. de Sacy, le problème apparaît autrement complexe, puisque subissant, non sans drame, le renversement du pour au contre. Sollicité jadis par les avantages de la liberté, ne fût-ce qu'au profit de l'intelligibilité - mais déjà réticent, ne l'oublions pas, dans l'affaire du "différend"! - M. de Sacy, une fois bien conscient des lourdes responsabilités que fait peser sur sa conscience la représentation française du verbe biblique, se voue à une fidélité sans condition. Du coup, - contrairement à M. d'Andilly, incorrigible, lui, - il prend délibérément position contre les "belles infidèles", se pose ainsi, avec Huet, en digne précurseur de Mme Dacier, et accepte tous les risques d'une exigence surgissant du profond de sa piété.

D'abord, au risque d'enfreindre "l'éloquence du monde" et ses manières élégantes, recherchées; de choquer l'oreille; d'accueillir tel mot peu courant, "barbare" même, - M. de Sacy s'emploie saintement à ne parler que "le langage de Dieu", tout de naturel et de simplicité; à ne poursuivre que la "vérité"; à ne satisfaire que "le cœur et la raison" le tout, pour le seul bénéfice "de la piété et de la foy", ainsi que Saint Augustin, *De Doctr.*

as obras e prefácios: todos, tivessem ou não consciência, tinham todas as licenças como horizonte, por buscarem uma *clareza*, um *bom gosto*, até mesmo uma *eloquência* amplificadora e uma *beleza* adaptadora, objetivos que eles se instituem e dos quais permanecem adeptos impenitentes, em teoria, ao menos, mas também na prática sem dúvida.

Em Sacy, o problema aparece de maneira mais complexa, porque sofre, não sem drama, a alternância dos prós e dos contras. Em parte seduzido - ainda que reticente - no passado, pelas vantagens da liberdade, por favorecer a inteligibilidade, uma vez imbuído de suas responsabilidades na representação francesa do verbo bíblico, passa a professar uma fidelidade estrita. Assim, toma deliberadamente posição contra as "belas infieis", e se torna, junto com Huet, um digno precursor de Madame Dacier, aceitando todos os riscos de uma exigência que nasce de sua mais profunda devoção.

Primeiro, o risco de afrontar a "eloquência do mundo" e suas maneiras elegantes, de ferir os ouvidos, de acolher uma palavra pouco corrente, "bárbara" mesmo. Sacy se aplica em falar a "língua de Deus", natural e plena de simplicidade, a buscar nada além do que a verdade e satisfazer somente o coração e a razão. Tudo pela devoção e pela fé, como Santo Agostinho o encoraja expressamente em *Da doutrina cristã* (*Nouveau Tes-*

*chr.*, l'y encourage expressément (*N. Test.*, 1668, *Préface*, t. 15 r.-v.); (*Proverbes*, 1672, *Préface*, f. 7 r.). - Il consent à courir un autre risque encore, plus choquant, celui de compter avec les métaphores que le *Cantique des cantiques* destinait à des hommes aussi “grossiers” que les Juifs de l'ancien temps, pour faire entendre à leur “esprit tout charnel des mystères infiniment élevez au-dessus des sens” (*Cantique des cantiques*, éd. 1694, *Préface*, t. 7 r.-v.) : sans plus tarder, donnons acte à M. de Sacy de l'ouverture d'esprit qui lui permet de poser ainsi sur son véritable terrain - celui de l'ouvrage original et de son époque - le grand principe de la *convenance* et sa conséquence immédiate, *la couleur locale*, en tant que facteur essentiel de la traduction. - Et n'omettons pas non plus de noter, tout à l'honneur du Solitaire, que ces divers risques en comportent un autre, capital, celui de “déplaire”, que M. de Sacy, bravement, accepte également de courir (*N. Test.*, *Préface*, t. 15 r.).

Voici enfin le risque suprême, celui de contrarier le goût général pour la *clarté*, celui de renoncer délibérément à l'avantage de se faire lire avec facilité. Vers la fin de sa vie, en 1683, M. de Sacy expliquait à Fontaine que le succès de ses traductions était dû au fait que chacun pouvait “les entendre sans peine”, y satisfaire sa curiosité “à peu de frais”, trop heureux - à la place du “langage obscur” dont le Saint Esprit enveloppe volontiers “les vérités et les mystères” de l'écriture - d'y rencontrer comme “une nouvelle clarté qui les délivre des ténèbres”. Et, pris de scrupule, il

*tament*, 1668, *Préface*, t. 15, f.-v. e *Proverbes*, 1672, *Préface*, f. 7, f.). Ele aceita correr ainda outro risco, mais chocante: acolher as metáforas que o *Cântico dos cânticos* destinava no passado a homens “grosseiros”, na tentativa de fazer com que “seu espírito completamente carnal compreendesse mistérios infinitamente elevados acima dos sentidos” (*Cantique des cantiques*, 1694, *Préface*, t. 7, f.-v.). Sacy dá mostras da abertura de espírito que lhe permite assim estabelecer seu verdadeiro terreno, aquele da obra original e sua época - o grande princípio da adequação e sua consequência imediata, a *cor local* como fator essencial da tradução. E não deixemos de notar, fazendo jus ao Solitário, que esses diversos riscos comportavam ainda outro, capital, o de “desagradar”, que ele corajosamente também aceita correr (*Nouveau Testament*, 1668, *Préface*, t. 15, f.).

E, por fim, o risco supremo, contrariar o gosto generalizado pela clareza e renunciar deliberadamente a ser lido com facilidade. No fim de sua vida, em 1683, Sacy explicava a Fontaine que o sucesso de suas traduções devia-se ao fato de que cada um podia “compreendê-las sem problemas” e satisfazer sua curiosidade sem muito esforço, feliz por encontrar ali “uma nova clareza que os liberta das trevas” - ao invés da “língua obscura” com a qual o Santo Espírito envolve de bom grado “as verdades e os mistérios” da Escritura. E cheio de escrúpulos, acrescenta:

ajoutait:

Que sais-je si je ne fais rien en cela contre les desseins de Dieu? J'ai tâché d'ôter de l'Écriture-Sainte l'obscurité et la rudesse; et Dieu jusqu'ici a voulu que sa parole fût enveloppée d'obscurités [...]

Como saber se assim fazendo não contrariei os desígnios de Deus? Tratei de retirar da Santa Escritura a obscuridade e a rudeza; mas Deus, até aqui, quis que sua palavra fosse envolta em obscuridades [...]

Il confiait encore à Fontaine qu'il avait "autrefois" entendu M. de Barcos justifier ces obscurités, Dieu les ayant voulues telles "afin de guérir ainsi les esprits superbes des hommes, et de les rendre capables de sa Grâce".

Ele confiava ainda a Fontaine que tinha ouvido, em outros tempos, Barcos<sup>12</sup> justificar tais obscuridades, dizendo que Deus assim as tinha querido "a fim de curar os espíritos soberbos dos homens e torná-los dignos de sua graça".

Ayant reproduit ces confidences, Sainte-Beuve (*P-R.*, L. II, Chap. 18, éd. Pléiade, t. I, p. 798 n.) note que Bossuet avait déjà reproché à M. de Sacy sa recherche de la clarté, et que M. de Barcos avait agi dans le même sens dès la captivité du Solitaire à la Bastille en 1666-1668, ainsi qu'il résulte de leur correspondance à l'époque et, mieux encore, d'une lettre postérieure de Barcos (13 janv. 1669): ces lettres présentent tant d'analogies avec les propos rapportés par Fontaine, que celui-ci, pense Sainte-Beuve, a dû les avoir sous les yeux en écrivant.

Tendo reproduzido tais confidências, Sainte-Beuve (*Port-Royal*, Livre II, Chap. 18, Pléiade, t. I, p. 798 n.) observa que Bossuet<sup>13</sup> tinha já criticado Sacy por sua busca da clareza e que Barcos também tinha feito tal crítica ao Solitário, como atesta sua correspondência entre os anos de 1666-1668, quando Sacy esteve preso na Bastilha<sup>14</sup> e, depois, em 1669.

Ce pieux retour au respect à peu près intégral du texte sacré, est-ce bien sûr que Sacy le tienne de Barcos? Il est, en tout cas, parfaitement certain que M. de Sacy en était torturé dès avant ses prisons, mieux même, qu'il s'était déjà évertué à en

Este retorno, por parte de Sacy, ao respeito integral do texto sagrado teria sido mesmo influência de Barcos? O que se sabe, em todo caso, é que a questão já o torturava bem antes de sua prisão e, mesmo, tudo indica que ele lutava para colocar em

<sup>12</sup> Trata-se de Martin de Barcos (1600-1678), teólogo francês de orientação jansenista, sobrinho do abade de Saint-Cyran e, portanto, muito ligado aos Solitários. N.T.

<sup>13</sup> Jacques Benigne Bossuet (1627-1704) homem da Igreja, orador e escritor francês.

<sup>14</sup> Por conta das perseguições que os jansenistas de Port-Royal sofrem ao longo de toda sua existência, por suas posições religiosas e políticas. Sacy permanece preso por quase três anos, aproveitando esse tempo para acabar sua tradução do *Antigo Testamento*.

tirer les conséquences pratiques dans ses dernières traductions, ainsi qu'il appert de sa *Préface au Nouveau Testament*, *Préface* qui, au dire de Fontaine, fut trouvée sur lui, et provisoirement confisquée, le dimanche 13 mai 1666, jour de son arrestation, alors qu'il s'en allait justement la présenter à ses confrères, chez Mme de Longueville; et qui, rendue à son auteur, encore captif, sera publiée dès l'année suivante.

Or, le scrupule, les alarmes et leurs conséquences, tels que M. de Sacy en fera confidence à Fontaine et que Barcos les avait exprimés dans ses lettres, s'y font déjà jour dans toute leur teneur, mais dans les termes autrement efficaces de Saint Augustin en personne, dont la conception en la matière s'y trouve longuement résumée, puis reproduite en latin. Saint Augustin, ainsi que Saint Denys, également nommé, viennent témoigner que les obscurités de la Bible ne sont guère moins estimables que les perles et les pierres précieuses, dont la découverte exige une "peine extrême"; qu'il est "utile" à la Majesté de Dieu et à sa sagesse de s'environner de nuages, afin qu'on les saisisse seulement à force de "méditation" et de "travail", en toute "crainte religieuse", et afin d' "humilier" ainsi l'orgueil de l'homme "par la peine qu'il aurait à en pénétrer les mystères et les secrets" (f. 5 r.-v.).

On peut, du coup, s'étonner que ni Fontaine, un témoin de chaque jour, ni Sainte-Beuve, pourtant bon connaisseur de Saint Augustin, n'aient aperçu la préséance de ce Saint sur un point d'une telle conséquence. L'événement compte d'autant plus

prática esta visão em suas últimas traduções. É o que aparece já no seu prefácio do *Novo Testamento* que, segundo Fontaine, estava com ele no dia de sua prisão, no domingo 13 de maio de 1666, tendo-lhe sido provisoriamente confiscado, mas que, logo devolvido, foi publicado no ano seguinte, quando ainda estava preso.

Ora, os escrúpulos, preocupações e suas consequências, que Sacy confia a Fontaine e a Barcos em suas cartas, aparecem ali em todo seu teor nos mesmos termos de Santo Agostinho, que ele resume e reproduz em latim. Não apenas Santo Agostinho, mas também São Denis são chamados a testemunhar que as obscuridades da Bíblia são tão valorosas quanto as pérolas e pedras preciosas cuja descoberta exige uma "pena extrema", que é útil à soberania de Deus e a sua sabedoria encobrir-se de nuvens, para que possamos apreendê-la apenas por meio de "meditação e trabalho", e com todo o "temor religioso", para "humilhar" o orgulho do homem, "através da pena que ele teria ao tentar penetrar os mistérios e segredos" (f. 5, f.-v.).

Podemos nos surpreender que nem Fontaine, uma testemunha de cada dia, nem Sainte-Beuve, apesar de conhecer muito bem a obra de Santo Agostinho, não tenham percebido a influência dele sobre uma questão de tamanha importância em

dans la carrière du traducteur, que celui-ci ne s'en tient pas à ses déclarations de 1667, mais revient à la charge quelques années plus tard (cf. sa trad. des *Proverbes*, 1672, *Préface*, f. 8 r.-v.). Mieux encore: non content de formuler des principes et des vœux, il s'efforce, par des moyens qu'il tient du même Saint Augustin, de s'y conformer, dans l'ouvrage même qui leur fait suite, puis dans l'ensemble de la Bible, dont on nous assure qu'il avait commencé à “faire une revue”, et que ses successeurs, forts d'un tel exemple, s'appliqueront à “rendre plus littérale et plus exacte” (*La Saint Bible*, éd. 1700, *Avertissement*, ff. 4 v. et 5 r.).

L'événement apparaît plus considérable encore – au point de révéler, sinon tout à fait d'entraîner, une véritable révolution dans les vues de Port-Royal en la matière – quand on découvre que le grand Arnauld lui-même, dans sa propre traduction des *Sermons* de Saint Augustin, fait également sienne la Règle de ce Saint touchant la déférence que l'on doit aux divines obscurités du Verbe (*Préface* au t. I, 1683, pp. III-IV); principe où Arnauld communique si bien avec feu M. de Sacy, qu'il lui suffira plus tard de renvoyer à la *Préface* du *Nouveau Testament* de Mons, et d'en reprendre les termes inspirés par Saint Augustin (*Règles...*, 1707, p. 4).

A un moment où Perrot d'Ablancourt n'a pas encore fini d'enchâsser la Cour et la Ville, un tel défi à la sacrosainte “clarté” du siècle et à ses fâcheuses conséquences pour la traduction, n'est guère indifférent: il convient d'y voir, sur ce terrain, la conquête la plus appréciable de Port-

Sacy. E não é apenas em 1667 que Sacy recorre a Agostinho, mas também alguns anos mais tarde (conferir sua tradução dos *Proverbes*, 1672, *Préface*, f. 8, f.-v.). E ainda: não contente em formular princípios e votos, ele se esforça em segui-los estritamente, através de métodos inspirados no próprio Agostinho, tanto nas obras que seguem, quanto na Bíblia, da qual ele começa a fazer uma revisão.

O fato se reveste de maior importância ainda – a ponto de revelar e mesmo causar uma verdadeira revolução na visão que se tem de Port-Royal sobre o tema – quando se descobre que o grande Arnauld, em sua tradução dos *Sermões* de Santo Agostinho, faz sua também a regra que prega a deferência devida à divina obscuridade do Verbo (*Préface*, t. I, 1683, pp. III-IV).

Em um momento em que Perrot d'Ablancourt continua a encantar o palácio e a vila, um tal desafio à sacrossanta “clareza” do século e a suas consequências prejudiciais para a tradução, não é de pouca monta: deve-se ver aí a conquista mais considerável de Port-Royal. Depois de ter –

Royal, Après avoir - avec Antoine le Maistre, Arnauld d'Andilly, Le Maître de Sacy dans sa première manière, Thomas Guyot, d'autres encore, - donné des gages aux “belles infidèles”, le voici qui s'emploie à remettre l'art de traduire dans le droit chemin, grâce à M. de Sacy et au grand Arnauld venus à résipiscence. Du coup, Mme Dacier n'est plus seule à rêver de couleur locale pour le compte de ses grands païens: ne fût-ce qu'en théorie, Port-Royal rêve d'en faire autant pour Dieu et les Saints.

Y est-il parvenu dans la pratique? La question n'est point décidée. Pour ma part, je le répète, j'ai dû m'en tenir ici<sup>15</sup> à une simple énumération de problèmes et d'attitudes, ce qui, tout au moins, permet de conclure que, dans ce qu'il eut de mieux inspiré parmi ses sectateurs, et à force de pieuse réflexion, Port-Royal finit par considérer les problèmes de la traduction sainement et avec courage: mérite considérable, qu'il est grand temps de lui reconnaître.

com Antoine le Maistre, Arnauld d'Andilly, Le Maître de Sacy, em suas primeiras práticas – dado crédito às “belas infieis”, eis que os Solitários se esforçam para trazer a arte de traduzir para o bom caminho, graças a Sacy e ao grande Arnauld arrependidos. Assim, Madame Dacier não é mais a única a sonhar com a *cor local* para seus ilustres pagãos: mesmo que apenas em teoria, Port-Royal sonha fazer o mesmo com Deus e os Santos.

Isso foi conseguido na prática? Ainda restam dúvidas. De minha parte, tive que me ater neste texto a uma simples enumeração de problemas e atitudes, o que, pelo menos permite concluir que, no que houve de mais inspirado entre seus adeptos, e através de reflexão devota, Port-Royal acaba considerando os problemas da tradução de maneira sã e com coragem: mérito considerável que já se faz tarde lhe reconhecer.

\*\*\*\*\*

---

<sup>15</sup> Je n'ai guère, non plus, à envisager ici la fortune des théories et moins encore celle des traductions port-royalistes dans la postérité. Je veux toutefois noter qu'à l'annonce de ma communication M. François Michel, que je remercie vivement, a bien voulu me signaler les jugements, fort curieux et passablement contradictoires, que Stendhal a portés sur le style de nos traducteurs.

Tradução de:

**Cláudia Borges de Faveri**

*cbfaveri@gmail.com*

*Profa. Dra., Universidade Federal de Santa Catarina*

*Fonte: Basil Munteano. "Port-Royal et la stylistique de la traduction".  
In Cahiers de l'Association internationale des études françaises,  
1956, N°8. pp. 151-172. DOI:10.3406/caief.1956.2091  
[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief\\_0571-5865\\_1956\\_num\\_8\\_1\\_2091](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1956_num_8_1_2091)*